



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Instituto de Educação/UFRRJ
Programa de Pós-graduação em Educação Física
Campus de Seropédica – Rio de Janeiro

**O ESPORTE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA: O IMPACTO DA SUA IMPLEMENTAÇÃO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Milton Felisberto Ribeiro Junior

Linha de Pesquisa: Abordagens Metodológicas e Processos de
Ensino e Aprendizagem

SEROPÉDICA - RJ

2025

**O ESPORTE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA: O IMPACTO DA SUA IMPLEMENTAÇÃO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Milton Felisberto Ribeiro Junior

Orientador: Prof. Dr. Aldair José de Oliveira

SEROPÉDICA - RJ

2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R484e RIBEIRO, Milton, 1986-
O Esporte Orientação como ferramenta pedagógica: o
impacto da sua implementação na Educação Física Escolar
/ Milton RIBEIRO. - Seropédica, 2025.
100 f.

Orientador: Aldair José de OLIVEIRA.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Mestrado Profissional
em Educação Física (PROEF), 2025.

1. Esporte Orientação. 2. Educação Física Escolar. 3.
Práticas Corporais de Aventura. 4. Trilha Pedagógica.
I. OLIVEIRA, Aldair José de, ---, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física
(PROEF) III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL**

MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, no Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Área de Concentração em Educação Física Escolar.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 05/05/2025

Membros da banca:

ALDAIR JOSÉ DE OLIVEIRA. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da banca)

VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES. Dra. UFRRJ (Examinador interno)

CÁSSIA MARQUES CÂNDIDO. Dra. (Examinadora externa a Instituição)



TERMO N° 329/2025 - PROEF (11.39.00.37)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 13/05/2025 14:11)

ALDAIR JOSE DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PROEF (11.39.00.37)
Matrícula: ###393#6

(Assinado digitalmente em 15/05/2025 23:23)

VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptEFD (11.39.53)
Matrícula: ###184#1

(Assinado digitalmente em 15/05/2025 11:40)

CÁSSIA MARQUES CÂNDIDO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.526-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número: **329**, ano: **2025**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **13/05/2025** e o código de verificação: **f9aa3a42b5**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me permitir chegar até aqui. Pela força nos dias difíceis, pela luz nos caminhos incertos e pela paz nos momentos de dúvida. Sem Ele, nada disso faria sentido.

Aos meus pais, Milton e Vera, minha eterna gratidão. Vocês foram, e continuam sendo, os pilares da minha vida. Sempre me apoiaram incondicionalmente, incentivando cada sonho, cada projeto, cada passo. Todo esse caminho percorrido também é de vocês.

À minha esposa, Patrícia, que sempre compreendeu a importância da formação continuada e nunca mediu esforços para estar ao meu lado, mesmo quando os dias foram mais exigentes. Sua parceria é um alicerce firme em minha caminhada.

Aos meus filhos, Lavínia e Jonas, que são muito mais do que inspiração: são o motivo pelo qual sigo acreditando em um mundo melhor, mais justo e mais sensível. Com vocês, ressignifiquei o sentido da vida.

Ao meu orientador, professor Aldair, agradeço pela disponibilidade constante, orientações precisas e apoio generoso ao longo desta jornada.

À professora Valéria, por suas palavras certas, que tantas vezes me impactaram e me fizeram acreditar ainda mais no meu potencial. Sua presença foi além da sala de aula — foi a de uma amiga que acredita e fortalece.

À professora Cássia, que desde o primeiro encontro me acolheu com empatia e entusiasmo, e me ajudou a enxergar com mais clareza o valor das Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar. Obrigado por acreditar e impulsionar.

Ao ProEF, minha gratidão profunda por permitir que eu, mais uma vez, tivesse a oportunidade de estudar na rede pública com qualidade e dignidade. A todos os professores e colaboradores que compõem esse programa, deixo minha admiração por acreditarem na potência transformadora da Educação Física.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, meu muito obrigado por ser espaço de crescimento, troca e resistência. Com muito orgulho, afirmo: sou Ruralino!

Aos colegas da Turma 2 do ProEF-UFRRJ, meu sincero carinho. Desde a primeira aula, fomos construindo laços de companheirismo e amizade que tornaram essa jornada mais leve e significativa. Em especial, a Joanna, Milena e Saulo: nos momentos em que me senti perdido, vocês foram as bússolas que me ajudaram a reencontrar o rumo. Nossa parceria é uma das maiores conquistas dessa caminhada. Estendo meu agradecimento a Anne, Camila, Elias e Rodrigo, por cada troca, apoio e partilha vivida ao longo dessa trajetória.

Aos alunos da turma 903 do CIEP 227, agradeço profundamente pelos momentos compartilhados. Vocês me mostraram, em cada aula, a força e a beleza de uma Educação Pública viva e transformadora. Foram vocês que, muitas vezes, reacenderam minha motivação e meu propósito.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória. Este trabalho é fruto de muitos encontros, desafios e afetos. A todos vocês, meu muito obrigado.

EPÍGRAFE

Quem aprende a se orientar no mundo aprende também a
se orientar na vida.

Yves Lacoste
(*Geógrafo*)

RIBEIRO, Milton. **O Esporte Orientação como ferramenta pedagógica: o impacto da sua implementação na Educação Física Escolar.** Orientador: Aldair José de Oliveira. 2025. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

RESUMO

A Educação Física Escolar ainda apresenta uma forte predominância de esportes convencionais, o que limita o repertório corporal vivenciado pelos(as) estudantes e contribui para a desmotivação nas aulas. Essa realidade evidencia a necessidade de práticas pedagógicas mais diversificadas, que estimulem a participação ativa e proporcionem experiências significativas. Esta dissertação teve como objetivo explorar as potencialidades e identificar as limitações do Esporte Orientação como uma abordagem pedagógica diversificada da Educação Física Escolar para os (as) estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental. A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, tendo como sujeitos quarenta estudantes do 9º ano de uma escola pública de Nova Iguaçu – RJ. Foi elaborada e aplicada uma sequência didática composta por dez aulas, estruturada para promover vivências práticas, interdisciplinares e significativas por meio do Esporte Orientação, alinhadas aos princípios da Base Nacional Comum Curricular. Os dados foram coletados por meio de questionários diagnósticos e avaliativos, diário de campo e registros fotográficos, sendo analisados por estatística descritiva e análise de conteúdo temática. Os resultados indicam aumento do engajamento e da motivação dos(as) estudantes, o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras, socioemocionais e ambientais, além da resignificação do espaço escolar como território educativo. A prática se mostrou eficaz para a promoção da motivação intrínseca, com base nos princípios da Teoria da Autodeterminação. Apesar dos benefícios observados, foram identificados entraves como a ausência de formação docente específica, escassez de recursos e resistências culturais à inovação pedagógica. A proposta mostrou-se viável, adaptável e replicável, reforçando a importância de práticas corporais diversificadas e críticas no currículo da Educação Física. O estudo contribui para a valorização das Práticas Corporais de Aventura na escola e destaca o Esporte Orientação como ferramenta pedagógica para a formação integral dos(as) estudantes.

Palavras-chave: Esporte Orientação; Educação Física Escolar; Práticas Corporais de Aventura; Trilha Pedagógica.

RIBEIRO, Milton. **O Esporte Orientação como ferramenta pedagógica: o impacto da sua implementação na Educação Física Escolar.** Orientador: Aldair José de Oliveira. 2025. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

ABSTRACT

School Physical Education still shows a strong predominance of conventional sports, which limits the bodily repertoire experienced by students and contributes to demotivation in class. This reality highlights the need for more diversified pedagogical practices that encourage active participation and provide meaningful experiences. This dissertation aimed to explore the potential and identify the limitations of Orienteering as a diversified pedagogical approach in School Physical Education for students in the final years of Elementary School. The research adopted a qualitative, action-research approach, involving forty 9th-grade students from a public school in Nova Iguaçu – RJ. A didactic sequence composed of ten lessons was developed and implemented, structured to promote practical, interdisciplinary, and meaningful experiences through Orienteering, aligned with the principles of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). Data were collected through diagnostic and evaluative questionnaires, a field diary, and photographic records, and were analyzed using descriptive statistics and thematic content analysis. The results indicate an increase in student engagement and motivation, as well as the development of cognitive, motor, socio-emotional, and environmental skills, in addition to a redefinition of the school space as an educational territory. The practice proved effective in promoting intrinsic motivation, based on the principles of the Self-Determination Theory. Despite the observed benefits, obstacles were identified, such as the lack of specific teacher training, scarcity of resources, and cultural resistance to pedagogical innovation. The proposal proved to be viable, adaptable, and replicable, reinforcing the importance of diversified and critical bodily practices in the Physical Education curriculum. The study contributes to the appreciation of Adventure Bodily Practices in schools and highlights Orienteering as a pedagogical tool for students' holistic development.

Keywords: Orienteering Sport; School Physical Education; Adventure Body Practices; Pedagogical Trail.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados do Questionário Diagnóstico ($n = 40$)..... 53

Tabela 2 – Resultados do Questionário Avaliativo aplicado ao final da Trilha Pedagógica ($n = 40$) 65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Aumento da Participação ao longo das aulas	59
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EFE	Educação Física Escolar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ProEF	Programa de Mestrado Profissional
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TAI	Termo de Anuência Institucional
PCA	Práticas Corporais de Aventura
EF	Educação Física
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
IOF	<i>Internatonal Orienteering Federation</i>
MEC	Ministério da Educação e Cultura
CBO	Confederação Brasileira de Orientação
EEFD	Escola de Educação Física e Desportos
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
AFAN	Atividade Física de Aventura na Natureza
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
WWOP	<i>World Wide Orienteering Promotion</i>
AFA	Academia da Força Aérea
SEEDUC/RJ	Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CISM	Conselho Internacional do Desporto Militar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivo	16
1.1.1 <i>Objetivos Específicos</i>	17
1.2 Recurso Educacional.....	17
2 MARCO TEÓRICO	19
2.1 Educação Física Escolar: o caminho até as PCA.....	19
2.2 Esporte Orientação: História e Definição	23
2.3 Possibilidades Educacionais do Esporte Orientação	30
2.4 Obstáculos à Prática do Esporte Orientação na EFE	40
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	44
3.1 Universo da Pesquisa	44
3.2 Participantes	45
3.3 Materiais e Métodos	46
3.4 Procedimento para Coleta de Dados	48
3.5 Procedimento para Análise dos Dados.....	49
3.6 Aspectos Éticos	51
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES.....	85
APÊNDICE A – Termo de Anuência Institucional (TAI)	85
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	86
APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	89
APÊNDICE D – Questionário Diagnóstico	92
APÊNDICE E – Questionário Avaliativo.....	94
APÊNDICE F – Parecer Consubstanciado do CEP	96
APÊNDICE G – Imagens do Recurso Educacional	99

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar (EFE) tem atravessado importantes transformações ao longo de sua história, superando concepções mecanicistas e disciplinares para assumir um papel mais crítico, plural e emancipador. No cenário contemporâneo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade corporal, cultural e social dos(as) estudantes, promovendo experiências formativas alinhadas ao conceito de educação integral (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, as Práticas Corporais de Aventura (PCA) emergem como possibilidades educativas inovadoras, ainda pouco exploradas na escola, mas potentes na construção de aprendizagens significativas (FRANÇA, 2023). Dentre essas práticas, o Esporte Orientação se sobressai não apenas por exigir habilidades físicas e cognitivas — presentes também em outras práticas corporais de aventura —, mas por demandá-las de forma constante e simultânea durante toda a atividade. Seu caráter interdisciplinar e inclusivo também contribui para diferenciá-lo, tornando-o uma prática singular no contexto da Educação Física Escolar.

Trata-se de uma atividade que desafia os(as) praticantes a se orientarem por meio de mapas e bússolas em percursos desconhecidos, geralmente ao ar livre, exigindo leitura de território, raciocínio estratégico, tomada de decisões e cooperação (SOUZA, 2005).

Embora tenha origem militar, o Esporte Orientação vem ganhando novas formas de apropriação em contextos educacionais, especialmente por suas possibilidades de articulação interdisciplinar com outras áreas do conhecimento (SILVA 2011). Apesar de seu potencial pedagógico, o Esporte Orientação ainda é pouco presente no cotidiano da EFE e seus desafios vão desde a escassez de recursos materiais e a ausência de formações docentes específicas, até a predominância de uma cultura esportiva que prioriza práticas mais tradicionais (MORAIS, 2016).

Esse quadro revela uma questão central na prática pedagógica da Educação Física: não se trata apenas da escassez de conteúdos diversificados, mas também da motivação dos alunos, que muitas vezes se limitam a vivenciar um repertório corporal restrito, pouco estimulante e distante de suas realidades

(DARIDO, 2014). A falta de experiências variadas pode gerar desinteresse, comprometendo o direito dos estudantes à diversidade de vivências e à ampliação de saberes promovida pela escola. Essa situação se reflete na dificuldade de muitos alunos em se engajarem nas atividades propostas, levando à necessidade de explorar alternativas que favoreçam uma maior motivação e participação ativa.

Foi a partir dessa constatação, percebida no cotidiano da docência e nas trajetórias formativas, que esta pesquisa tomou forma. A vivência como professor de Educação Física em escola pública e o contato com experiências formativas despertaram o interesse em explorar essa prática de maneira mais sistemática e comprometida com o fazer pedagógico. Assim, foi desenvolvida e aplicada uma sequência didática estruturada em torno do Esporte Orientação, com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, visando ampliar o repertório corporal dos(as) estudantes, diversificar o ensino da disciplina e promover o diálogo entre corpo, espaço, autonomia e natureza.

A presente investigação parte da seguinte questão de pesquisa: O Esporte Orientação pode ser um caminho para a diversificação dos conteúdos na Educação Física Escolar, favorecendo a motivação e o engajamento dos alunos? Os(as) estudantes o aceitariam de maneira positiva e participariam efetivamente?

Ao lançar esse olhar investigativo sobre a prática pedagógica, esta dissertação busca contribuir com a reflexão crítica sobre os caminhos possíveis para uma EFE mais aberta às experiências alternativas, sensíveis ao território e conectadas às múltiplas formas de aprender e se movimentar no mundo.

Nesse cenário, é importante destacar que esta pesquisa nasce da minha experiência direta como professor de Educação Física da rede pública estadual do Rio de Janeiro, atuando no CIEP 075 – Jardim Cabuçu, em Nova Iguaçu. Com trajetória marcada pelo engajamento em práticas pedagógicas inovadoras e pela valorização da diversidade de conteúdos no currículo da disciplina, este educador tem se dedicado à busca por alternativas que dialoguem com os interesses e realidades dos(as) estudantes. Ao longo do processo, não apenas os(as) estudantes se apropriaram do conteúdo proposto, mas este pesquisador também viveu uma trajetória de apropriação teórico-prática — investigando, planejando, experimentando e ressignificando sua própria prática docente.

A proposta apresentada neste trabalho não pretende oferecer uma solução definitiva, mas sim um convite à reflexão e à ação. O Esporte Orientação, neste contexto, é compreendido como uma ferramenta pedagógica potente e viável, capaz de transformar o cotidiano escolar, promover aprendizagens significativas e fortalecer a identidade da Educação Física como componente curricular formativo, crítico e comprometido com a realidade dos(as) estudantes.

A vivência cotidiana com turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental revelou lacunas na oferta de práticas corporais significativas, especialmente no que diz respeito às atividades ao ar livre e à exploração de espaços além dos muros da escola. Essas ausências reforçaram a necessidade de repensar os conteúdos tradicionalmente trabalhados nas aulas de Educação Física, ampliando o repertório corporal e promovendo aprendizagens mais conectadas com o cotidiano dos(as) alunos(as).

A inquietação constante por buscar sempre o melhor para os(as) estudantes foi o que impulsionou o desejo de investir na formação continuada por meio do Mestrado Profissional. Foi nesse contexto que, ao participar de uma oficina voltada para práticas corporais alternativas, tornou-se evidente o potencial transformador de propostas pedagógicas diferentes daquelas tradicionalmente desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

A partir dessa experiência, surgiu a convicção de que é possível ampliar o repertório corporal dos(as) alunos(as) em prol de uma educação de qualidade, mais crítica, inclusiva e conectada com o mundo. Assim, esta dissertação reflete não apenas um exercício acadêmico, mas o compromisso de um educador em transformar sua prática e contribuir ativamente para uma escola mais plural e significativa.

1.1 Objetivo

Explorar as potencialidades e identificar as limitações do Esporte Orientação como uma abordagem pedagógica diversificada na Educação Física Escolar para os(as) estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

1.1.1 Objetivos Específicos

- Desenvolver e aplicar uma sequência didática sobre Esporte Orientação nas aulas de Educação Física dos Anos Finais do Ensino Fundamental.
- Verificar os níveis de participação e engajamento dos(as) estudantes durante as aulas desenvolvidas com o Esporte Orientação.
- Analisar a percepção dos(as) estudantes sobre a inclusão do Esporte Orientação como conteúdo nas aulas de Educação Física.

1.2 Recurso Educacional

No âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), a elaboração de um recurso educacional constitui-se como um dos pilares essenciais para articular teoria e prática no contexto da formação docente. Esse requisito formal do programa assume o compromisso ético e pedagógico de propor intervenções concretas na realidade escolar, ancoradas nos princípios da práxis crítica, da formação continuada e da transformação do cotidiano da EFE (Albuquerque *et al.*, 2022).

Neste estudo, o recurso educacional desenvolvido e aplicado foi intitulado **“Navegando Saberes com o Esporte Orientação: Trilha Pedagógica”**, estruturada em uma sequência de dez aulas teórico-práticas voltadas à inserção do Esporte Orientação como conteúdo da EF nos Anos Finais do Ensino Fundamental. A proposta nasceu de uma inquietação vivida no cotidiano da docência: a percepção de que os(as) estudantes têm tido acesso limitado a práticas corporais diversas, sendo a maior parte do tempo direcionada a esportes convencionais de quadra. Tal constatação impulsionou a construção de uma alternativa concreta, crítica e sensível ao território escolar.

A cartilha foi inspirada em vivências ao longo da carreira e construída a partir de uma abordagem interdisciplinar, integrando conteúdos de EF com outros Componentes Curriculares e Educação Ambiental em uma perspectiva crítica, que valoriza a relação ética com o meio ambiente e a formação de sujeitos capazes de refletir e agir sobre as dinâmicas socioambientais de seu território.

A Trilha Pedagógica foi organizada com base nos princípios da aprendizagem significativa, do respeito à diversidade, da valorização do meio ambiente e da autonomia dos(as) estudantes. Cada aula foi acompanhada por objetivos específicos, fundamentação teórica, sugestões práticas, orientações avaliativas, dicas de vídeos e espaços de reflexão docente.

A metáfora da “trilha” foi adotada para simbolizar o percurso de aprendizagem proposto, no qual cada aula funciona como um ponto de controle pedagógico — uma parada para orientar, refletir e redirecionar o caminho. Os conteúdos abordados incluíram: leitura de mapas e bússolas, lateralidade, planejamento de rotas, cartografia, ética ambiental e navegação digital, culminando em experiências práticas como o circuito de orientação e atividades gamificadas com uso de tecnologias.

O material foi elaborado com linguagem acessível e estética integrada, buscando dialogar com educadores(as) que desejam diversificar suas práticas e expandir o repertório metodológico no ensino das PCA. Mais do que um produto acadêmico, trata-se de um instrumento pedagógico vivido e testado com estudantes da escola pública, e que se propõe a ser replicável, adaptável e inspirador.

A inserção do Esporte Orientação como conteúdo escolar, por meio deste recurso, não busca oferecer uma “receita pronta”, mas sim abrir caminhos. Caminhos para uma EF que acolha o corpo em movimento, o pensamento crítico e a natureza como aliada. Caminhos que permitam que cada educador(a) — com seu mapa, sua bússola e seu território — construa trilhas de sentido junto aos(às) estudantes.

Ressalta-se a relevância desse tipo de produção feita por educadores que atuam diretamente no chão da escola, pois são esses profissionais que vivenciam cotidianamente os desafios e as possibilidades da prática pedagógica. A construção de um recurso educacional por quem está inserido nesse contexto confere legitimidade, sensibilidade e coerência às propostas desenvolvidas, ampliando o potencial de transformação da realidade escolar e fortalecendo o vínculo entre teoria e prática.

2 MARCO TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentados os fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa, organizados em quatro subcapítulos. O primeiro, intitulado *Educação Física Escolar: o caminho até as PCA*, discute a trajetória da EF no contexto escolar até a inserção das PCA no currículo. O segundo, *Esporte Orientação: História e Definição*, explora o histórico e os conceitos fundamentais dessa prática. O terceiro, *Possibilidades Educacionais do Esporte Orientação*, aborda os potenciais pedagógicos e os benefícios dessa manifestação corporal no ambiente escolar. Por fim, o quarto subcapítulo, *Obstáculos à Prática do Esporte Orientação na EFE*, analisa os desafios e resistências encontrados na sua implementação no contexto da EFE.

2.1 Educação Física Escolar: o caminho até as PCA

A EFE tem desempenhado, ao longo da história, um papel significativo na formação dos alunos e sua abordagem e objetivos evoluíram consideravelmente ao longo do tempo. No Brasil, sua trajetória é marcada por distintas fases, que refletem tanto os contextos políticos e sociais quanto as transformações na compreensão do corpo e do movimento. Inicialmente vinculada aos interesses militaristas e higienistas do final do século XIX e início do século XX, a EF foi concebida como uma prática disciplinadora, voltada ao fortalecimento corporal e ao controle social, sem considerar aspectos culturais, emocionais ou cognitivos dos indivíduos (Soares, 2013).

Com o passar das décadas, especialmente a partir da metade do século XX, a EF começou a se distanciar dessa perspectiva mecanicista, passando a ser influenciada por concepções pedagógicas mais abrangentes. No contexto escolar, ela assumiu gradativamente um papel que transcende a mera prática esportiva ou o condicionamento físico, passando a ser reconhecida como uma área do conhecimento voltada à formação integral dos estudantes. Essa mudança de paradigma foi fundamental para que fosse compreendida não apenas como atividade corporal, mas como prática social, cultural e educativa (Neira; Nunes, 2011).

A consolidação dessa abordagem mais ampla ocorreu especialmente a partir da década de 1990. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996) trouxe mudanças significativas para a organização do currículo escolar, ao estabelecer a EF como componente curricular obrigatório na educação básica. De acordo com a LDB, essa área de conhecimento deveria contribuir para o desenvolvimento pleno dos alunos, promovendo não apenas habilidades motoras, mas também a formação integral, em seus aspectos físicos, emocionais, sociais e culturais (Brasil, 1996). Esse marco legal abriu espaço para a inclusão de conteúdos mais diversificados e alinhados às realidades e necessidades dos estudantes.

Em seguida, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) consolidaram essa abordagem mais abrangente ao introduzirem o conceito de Cultura Corporal de Movimento, que ampliou os horizontes da EFE ao incorporar conteúdos diversificados, como jogos, danças, esportes e lutas, articulando-os à realidade cultural e histórica dos alunos. Os PCN destacaram que a EF não deveria apenas ensinar técnicas e habilidades motoras, mas também proporcionar aos estudantes reflexões críticas sobre as práticas corporais e suas relações com a sociedade (Brasil, 2001).

Nesse processo de ampliação do repertório da EFE, surgiram debates sobre a necessidade de incluir conteúdos inovadores, que pudessem dialogar com as novas demandas educacionais e culturais da contemporaneidade, como a educação ambiental e sustentabilidade, inclusão, saúde mental e bem-estar. É nesse cenário que as PCA começaram a ser reconhecidas como uma possibilidade pedagógica. Essas práticas, por sua natureza desafiadora e vinculada ao contato com o meio, foram gradualmente sendo incorporadas às discussões sobre o currículo de EF, como parte de um movimento que buscava democratizar os conteúdos e atender à diversidade de interesses e experiências dos alunos (Morais, 2016).

A homologação da BNCC, representou um marco na trajetória da EFE ao oficializar as PCA como Unidade Temática obrigatória no ensino básico. Esse documento destacou a importância de um currículo que abarcasse a pluralidade das práticas corporais historicamente construídas, enfatizando o respeito à diversidade cultural e ambiental. Segundo a BNCC, a EF deve ser capaz de "promover a vivência e a reflexão crítica sobre a historicidade das práticas

corporais", reconhecendo-as como parte integrante do desenvolvimento humano e da cultura (Brasil, 2018, p. 218).

Ainda conforme esse documento norteador, as PCA são entendidas como “[...] expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador” (Brasil, 2018, p. 218). Ademais, são subdivididas em duas categorias: na natureza e urbanas. As primeiras incluem atividades como o rapel, o Esporte Orientação, entre outras, que exploram incertezas e desafios naturais. Já as práticas urbanas, como o *Parkour* e o Skate, que simulam desafios em paisagens construídas, criando condições semelhantes aos naturais em paisagens de concreto. Essa divisão reflete a adaptabilidade das PCA a diferentes contextos, ampliando suas possibilidades pedagógicas e sua relevância no currículo escolar (Brasil, 2018; Franco; Tahara; Darido, 2018).

Além disso, as PCA são conhecidas por diferentes nomenclaturas conforme autores e perspectivas. Betrán (2003) as define como Atividade Física de Aventura na Natureza (AFAN); Uvinha (2001) utiliza o termo Esportes Radicais; Munster (2004) refere-se a elas como Esportes na Natureza; Marinho; Schwartz (2005) empregam a designação Atividade de Aventura; Pereira (2022) utilizam o termo Aventura nas suas produções acadêmicas. Essa diversidade de terminologias reflete tanto a riqueza das práticas quanto os desafios de sua delimitação e caracterização no campo da EFE.

Apesar disso, adotar-se-á neste trabalho a nomenclatura proposta pela BNCC, que estrutura as PCA como uma Unidade Temática obrigatória com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento global dos(as) estudantes, em suas dimensões física, cognitiva, afetiva e social. A BNCC organiza seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento por meio de códigos alfanuméricos específicos, compostos por letras e números. Por exemplo, no código EF67EF18, a sigla "EF" indica a área de Educação Física, os números "67" correspondem aos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, e o número final "18" representa a habilidade específica atribuída a esse segmento. Assim, os códigos EF67EF18, EF89EF19, EF89EF20 e EF89EF21 se referem, respectivamente, a habilidades destinadas aos Anos Finais do Ensino

Fundamental, orientando os professores quanto às competências que devem ser desenvolvidas em cada etapa (Brasil, 2018).

Entre os objetivos previstos nesses códigos, destaca-se a vivência e a fruição das PCA, tanto urbanas quanto na natureza, com ênfase na valorização da segurança e da integridade física própria e dos demais (EF67EF18, EF89EF19). Essas práticas incentivam os(as) estudantes a identificar os riscos inerentes às atividades, planejar estratégias para sua superação e respeitar normas de segurança, favorecendo a construção da autonomia, da responsabilidade e do pensamento crítico (EF67EF19, EF89EF20). Além disso, a BNCC propõe que os alunos reconheçam as características específicas das PCA — como instrumentos, equipamentos de segurança, vestuário e formas de organização — e compreendam suas origens e transformações históricas (EF67EF21, EF89EF21). No caso das práticas realizadas na natureza, enfatiza-se também o respeito ao patrimônio natural e a minimização dos impactos ambientais, promovendo valores de sustentabilidade e cidadania. Essa abordagem multidimensional visa formar sujeitos críticos, conscientes e preparados para lidar com os desafios do mundo contemporâneo (Brasil, 2018).

Nesse íterim, a inclusão das PCA pela BNCC reflete uma mudança significativa no entendimento do papel da EF no contexto escolar. A BNCC (Brasil, 2018) propõe que a EF promova vivências corporais diversas e críticas, ampliando o repertório dos(as) estudantes e contribuindo para sua formação integral. Embora o documento não apresente diretrizes metodológicas detalhadas para práticas como o Esporte Orientação, oferece um marco normativo que serve de referência para os docentes no planejamento das aulas (Franco; Tahara; Darido, 2018).

Historicamente centrada em modalidades esportivas tradicionais, a EF passou a incorporar práticas corporais que estimulam a autonomia, o protagonismo estudantil e o pensamento crítico. Essa ampliação do escopo pedagógico é defendida pelo autor Marchi Júnior (2010), que destacam a importância de abordagens que promovam a interação com o ambiente e o enfrentamento de desafios reais, articulando dimensões físicas, cognitivas e socioemocionais.

Portanto, a trajetória da EF no contexto escolar é marcada por um processo contínuo de resignificação. Desde suas raízes tecnicistas até a

valorização de práticas corporais mais inclusivas e significativas, como as PCA, a disciplina tem buscado atender às demandas educacionais contemporâneas. A inserção dessas práticas no currículo escolar, conforme aponta Luz et al. (2023), reafirma o compromisso com uma educação mais crítica, inclusiva e sensível às realidades dos(as) estudantes.

Entre as PCA realizadas na natureza destacadas pela BNCC, o Esporte Orientação ganha destaque por seu caráter interdisciplinar e formativo. Essa prática corporal combina deslocamento físico com navegação estratégica, exigindo o uso de mapas e bússolas para a superação de desafios em ambientes abertos. Além de desenvolver habilidades motoras e cognitivas, o Esporte Orientação promove valores como o respeito ao meio ambiente, a cooperação e a tomada de decisões conscientes (Silva, 2020). O contato direto com a natureza favorece experiências educativas significativas do ponto de vista ambiental, ampliando as possibilidades pedagógicas da Educação Física no contexto escolar (Pereira, 2017). Esses aspectos introduzem um contexto rico para o desenvolvimento integral dos alunos e preparam o terreno para uma compreensão mais aprofundada de sua história e definição, que serão abordadas no próximo subcapítulo.

2.2 Esporte Orientação: História e Definição

O Esporte Orientação, conhecido internacionalmente como *Orienteering*, é uma prática corporal que alia deslocamento físico e tomada de decisão estratégica em ambientes variados, predominantemente naturais, como florestas, parques e reservas. A atividade consiste em localizar, no menor tempo possível, uma sequência de pontos de controle pré-determinados, utilizando exclusivamente um mapa topográfico detalhado e uma bússola. O desafio está na definição da melhor rota, feita pelo próprio praticante com base na interpretação do relevo, vegetação e demais elementos cartográficos, exigindo raciocínio lógico, leitura espacial, atenção e preparo físico (Silva, 2020).

Diferente de corridas convencionais, na Orientação os participantes largam em horários distintos, e o tempo é registrado individualmente por meio de um sistema eletrônico (SI-Card), que garante a fidelidade do percurso. A modalidade se destaca por integrar habilidades físicas, cognitivas e emocionais,

sendo acessível a diferentes faixas etárias e níveis técnicos. As categorias são organizadas por níveis de dificuldade — N (novato), B (difícil), A (muito difícil) e E (elite) — o que favorece a participação democrática e inclusiva (CBO, 2021).

A concepção do termo “Orientação” pode, à primeira vista, gerar interpretações equivocadas, frequentemente associadas a noções como assistência, direcionamento ou aconselhamento — como no caso da orientação vocacional. No entanto, no contexto esportivo amplamente reconhecido internacionalmente, o termo adquire novo significado. Etimologicamente, “Orientação” remete ao ato ou à arte de orientar-se, isto é, determinar ou ajustar uma posição em relação aos pontos cardeais, o que fundamenta o sentido específico da prática do Orienteering (Silva, 2020).

Mais do que uma simples corrida, o Esporte Orientação envolve uma navegação ativa por terrenos desconhecidos, exigindo do praticante a leitura e interpretação de informações cartográficas e a tomada de decisões rápidas, em harmonia com o ambiente natural. Essa articulação entre esforço físico e atividade mental confere à modalidade um caráter singular, que ultrapassa a dimensão competitiva e estimula uma interação estratégica com o meio (Silva, 2020; Pereira, 2017).

Além da modalidade pedestre, reconhecida como a forma mais difundida, a Federação Internacional de Orientação (IOF) identifica quatro formatos distintos: Orientação Pedestre, Mountain Bike, Precisão (voltada a pessoas com deficiência, especialmente cadeirantes) e Ski Orienteering, praticada em regiões com neve. Embora muitas vezes associada a esportes de aventura, a prática é regida por normas específicas que garantem sua integridade e segurança, como a obrigatoriedade de seguir a ordem dos pontos de controle, a marcação precisa em cartões eletrônicos e o compromisso com a preservação ambiental — um dos pilares centrais dessa manifestação corporal (Silva, 2020).

Nesse contexto, os mapas utilizados no Esporte Orientação assumem papel central, oferecendo informações topográficas detalhadas que guiam os participantes ao longo do percurso. Esses documentos cartográficos apresentam representações precisas de objetos, obstáculos, vegetação, relevo, hidrografia e rochas, permitindo que o orientista antecipe e se prepare para os desafios impostos pelo terreno. Atualmente, a maioria dos mapas é produzida em escala de 1:10.000 — o que equivale a 1 centímetro no mapa representando 100 metros

no terreno real —, assegurando uma representação proporcional adequada para navegação e planejamento estratégico. Essa precisão é fundamental para preservar o caráter técnico e desafiador da modalidade, além de contribuir para a segurança e o desempenho dos participantes (Silva, 2020).

Embora sua origem esteja profundamente associada a ambientes naturais, como florestas, parques e reservas — o que lhe confere o reconhecimento como um “esporte da natureza” —, o Esporte Orientação tem demonstrado notável adaptabilidade. Nos últimos anos, sua prática tem se expandido para espaços urbanos e estruturas construídas, numa estratégia de ampliar sua visibilidade, atrair novos adeptos e diversificar as experiências proporcionadas aos participantes. Essa transição revela a versatilidade dessa PCA e sua capacidade de dialogar com diferentes contextos, sem perder sua essência formativa e estratégica (Silva, 2020).

A necessidade de se orientar é tão antiga quanto a própria humanidade. Desde a pré-história, os seres humanos desenvolveram estratégias para localizar-se durante seus deslocamentos em busca de caça, alimentos ou abrigo, utilizando elementos da natureza como montanhas, rios e o movimento dos astros como referências espaciais. Com o passar do tempo, esses métodos foram se aperfeiçoando, culminando no desenvolvimento de instrumentos e técnicas de navegação cada vez mais precisos, sendo a bússola um dos marcos mais significativos nesse processo. Registros indicam que, por volta de 1000 a.C., os chineses já utilizavam magnetita em artefatos de orientação, e que, no século XIII, Flávio Gioia aprimorou esse dispositivo ao integrar uma agulha imantada à rosa dos ventos, criando um sistema de navegação que transformou as grandes explorações marítimas da época (Ferreira, 2021).

Como prática esportiva organizada, a Orientação teve início em 1850, nas forças armadas da Escandinávia, onde era utilizada como atividade de recreação e como parte do treinamento de navegação terrestre. Os primeiros registros do uso de mapas aplicados à prática datam de 1888, na Academia Militar da Suécia, ainda com finalidade exclusivamente militar. Em 1895, foi realizada em Estocolmo a primeira competição formal, e, dois anos mais tarde, a modalidade começou a ser adotada também no meio civil. A consolidação do esporte ocorreu a partir de 1919, quando Ernst Killander — reconhecido como o “pai da Orientação” — organizou a primeira grande competição aberta ao público. A

partir da década de 1930, o Esporte Orientação foi incorporado ao currículo escolar sueco, consolidando-se como referência em práticas educativas ao ar livre (Silva, 2020).

Ao longo do século XX, o Esporte Orientação expandiu-se para diversos países europeus, consolidando-se gradualmente como uma modalidade reconhecida internacionalmente. Seu crescimento foi especialmente acentuado no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando passou a atrair maior atenção tanto no meio civil quanto militar. Em 1961, foi criada a Federação Internacional de Orientação (International Orienteering Federation – IOF), entidade responsável por regulamentar e difundir a prática em nível global. No ano seguinte, realizou-se o primeiro Campeonato Europeu de Orientação, seguido, em 1965, pelo primeiro Campeonato de Orientação Militar, promovido pelo Conselho Internacional do Desporto Militar (CISM). Em 1977, o Esporte Orientação recebeu o reconhecimento oficial do Comitê Olímpico Internacional (COI). Atualmente, a IOF reúne mais de 75 países filiados, entre eles o Brasil (CBO, 2021).

No Brasil, os primeiros registros sobre o Esporte Orientação remontam à década de 1940. Em 1945, uma reportagem publicada no jornal *Sport Illustrado* já destacava a relevância da prática na Suécia, apontando sua importância para a formação cidadã e esportiva naquele país. No ano seguinte, o professor Alfredo Colombo, integrante de uma delegação brasileira enviada ao *Gymnastic Central Institute* em Estocolmo, participou de atividades que incluíam percursos de Orientação. Ao retornar ao Brasil, Colombo passou a divulgar a modalidade por meio de palestras e publicações, culminando na sua inserção nos Jogos Escolares do Rio de Janeiro, em 1956 (Ferreira, 2021).

Durante a década de 1950, diversas competições escolares com provas de Orientação foram registradas no Rio de Janeiro, revelando uma fase inicial de experimentação da modalidade no ambiente educacional. Contudo, a mudança da capital federal para Brasília ocasionou a perda de documentos e o abandono de várias iniciativas, o que resultou em um período de estagnação da prática. A retomada efetiva da Orientação no país ocorreu na década de 1970, impulsionada pelo interesse das Forças Armadas. Em 1971, o Capitão Tolentino Paz da Silva organizou a primeira competição militar oficial, sendo posteriormente reconhecido como o pioneiro da Orientação no Brasil. A

modalidade foi então incorporada ao currículo da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) em 1974 e da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1980. Em 1992, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) passou a oferecer a disciplina de Orientação nos cursos de Licenciatura em Educação Física, fortalecendo sua presença também no meio acadêmico (Ferreira, 2021).

A fundação da Confederação Brasileira de Orientação (CBO), em 1999, representou um marco fundamental para a consolidação institucional da modalidade no Brasil. A partir desse momento, o esporte passou a contar com maior organização, regulamentação e incentivo à sua prática em diferentes contextos. Desde então, diversos projetos de extensão universitária e iniciativas educacionais vêm contribuindo para a difusão do Esporte Orientação em escolas públicas e privadas. Entre esses esforços, destaca-se o projeto Mapa&Ação, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ) em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja proposta envolve a capacitação de professores para o mapeamento de ambientes escolares e o uso pedagógico da modalidade em aulas de Educação Física (Luz et al., 2023).

Ao ser introduzida no ambiente educacional, a Orientação revela-se como uma ferramenta de aprendizado altamente eficaz, marcada por sua acessibilidade e caráter inclusivo. Ao permitir a participação de alunos de diferentes idades, níveis de habilidade e condições físicas, a modalidade favorece a integração do grupo escolar, promovendo adaptações pedagógicas que respeitam as necessidades individuais. Essa flexibilidade torna o Esporte Orientação um conteúdo rico e versátil, que pode ser explorado tanto por meio de abordagens lúdico-recreativas quanto em práticas mais sistematizadas e competitivas. Nesse contexto, contribui de forma significativa para a formação integral dos estudantes, ao estimular competências como a cooperação, a autonomia e o respeito à diversidade (Pereira, 2017).

Dando um enfoque ao cenário da Orientação nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, diversas iniciativas merecem destaque. Em 2003, a professora Marion Costa da Silva iniciou atividades com alunos das Classes Especiais da rede municipal e, a partir de 2005, passou a atuar na formação continuada de professores da rede. Entre os anos de 2008 e 2010, o professor Ronaldo André Castelo dos Santos de Almeida desenvolveu trabalhos

significativos com estudantes do Ensino Médio na rede pública estadual. Em 2015, a modalidade foi incorporada às aulas do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) – Campus Pinheiral, por meio do trabalho do professor Ulysses dos Santos.

Ainda nesse período, registros na literatura indicam a expansão do Esporte Orientação em instituições do Rio de Janeiro, como o IFRJ, onde oficinas foram promovidas durante a Semana Acadêmica do Campus Paracambi (SILVA, 2020), enquanto no Campus Resende a prática foi incorporada como projeto de extensão, com ênfase em lazer, meio ambiente e integração comunitária (FERREIRA, 2021). Em Volta Redonda e Barra Mansa, estudos apontam a inserção da modalidade nas aulas de Educação Física entre 2018 e 2019 (RODRIGUES, 2022).

Em 2021, um projeto pedagógico coordenado por Ronaldo André Castelo dos Santos de Almeida foi aprovado pela Federação Internacional de Orientação (IOF) e implementado em sete escolas públicas estaduais localizadas no estado do Rio de Janeiro. A iniciativa consistiu no mapeamento dos ambientes escolares e na aplicação de aulas práticas de Esporte Orientação, com o objetivo de integrar a modalidade ao currículo da Educação Física. Essa experiência é descrita por Ferreira (2021), que documenta ações desenvolvidas no âmbito escolar voltadas à difusão da prática, com apoio institucional da IOF.

Na perspectiva educacional, o Esporte Orientação emerge como uma ferramenta interdisciplinar, estimulando o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras, sociais e afetivas. Essa prática ativa diversas inteligências múltiplas, incluindo a lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, intrapessoal e interpessoal (Pasini, 2004). À medida que o orientista interpreta mapas, calcula distâncias, toma decisões rápidas, participa de atividades em grupo — como percursos realizados em duplas ou equipes nas práticas escolares — e reflete sobre suas escolhas, essas dimensões são constantemente acionadas. O pensamento estratégico e a adaptação ao terreno favorecem o aprimoramento da capacidade de tomada de decisão (Kleinmann, apud Mello, 2005).

Além disso, a Orientação exige não apenas habilidades cognitivas e motoras, mas também competências interpessoais, como empatia, cooperação e liderança, especialmente quando praticada em contextos pedagógicos

colaborativos. Em percursos realizados em grupo, por exemplo, os estudantes precisam cooperar na leitura dos mapas, distribuir funções, tomar decisões conjuntas sobre as rotas e respeitar o ritmo dos colegas (Silva, 2020).

Essas interações favorecem o exercício da empatia, ao considerar as dificuldades e sugestões dos pares; estimulam a cooperação, ao requerer esforço coletivo para alcançar os objetivos; e incentivam a liderança, à medida que diferentes alunos assumem a condução do grupo em momentos distintos.

Por fim, esse esporte também integra conhecimentos de diversas áreas, como Geografia, Ciências, História, Matemática, Ética e Educação Ambiental, favorecendo a construção de saberes múltiplos (Mello, 2005).

Dentro da Educação Física Escolar, o Esporte Orientação contribui para a formação integral dos estudantes, promovendo vivências ativas, críticas e conectadas ao ambiente. Essas características alinham-se aos princípios da BNCC, que propõe uma Educação Física que valorize a experimentação, o respeito à diversidade e a reflexão crítica sobre as práticas corporais (Brasil, 2018).

Ao longo de sua trajetória, o Esporte Orientação consolidou-se como uma prática rica em complexidade técnica, diversidade de formatos e potencial inclusivo, destacando-se tanto em contextos recreativos quanto competitivos. Desde suas origens militares até sua inserção no cenário educacional, a Orientação evoluiu para se tornar uma atividade amplamente acessível e adaptável, capaz de envolver participantes com diferentes níveis de habilidade e de promover valores como autonomia, estratégia e respeito ao meio ambiente (Pasini, 2004; Mello, 2005).

Essa versatilidade não apenas solidifica o Esporte Orientação como um fenômeno global, mas também abre espaço para seu uso em ambientes educacionais. É justamente nesse contexto que emergem as possibilidades educacionais do Esporte Orientação. Mais do que uma PCA, ela pode ser explorada como um instrumento de ensino e aprendizado, integrando conhecimentos de diferentes áreas e promovendo competências essenciais para a formação dos estudantes.

No próximo subcapítulo, discutir-se-á como o Esporte Orientação pode ser utilizado de forma criativa e eficaz no ambiente escolar, contribuindo para o desenvolvimento integral e crítico dos alunos (Mello, 2005; Brasil, 2018).

2.3 Possibilidades Educacionais do Esporte Orientação

O Esporte Orientação destaca-se no contexto educacional por sua capacidade de integrar o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e socioemocionais, por meio de experiências práticas em ambientes naturais. Ao ser incorporado como estratégia pedagógica na Educação Física Escolar, amplia as possibilidades de ensino, promovendo a participação ativa dos estudantes, o pensamento crítico e a tomada de decisões em situações desafiadoras. Essa prática contribui para uma formação ampla e conectada à realidade, valorizando a autonomia, o trabalho em equipe e a resolução de problemas de forma contextualizada (FREITAS et al., 2023; LUZ; JÚNIOR; OLIVEIRA, 2023; ALVES; ARAÚJO, 2022).

Nesse sentido, o Esporte Orientação também pode ser analisado à luz do modelo analítico dos 5E's, proposto por Marchi Júnior (2010), que o caracteriza como uma manifestação esportiva composta por cinco dimensões interdependentes: Emocional, Ética, Estética, Espetacular e Educacional. Essas dimensões permitem compreender o fenômeno esportivo não apenas como atividade física, mas como uma prática cultural carregada de significados e valores formativos.

A dimensão Emocional está relacionada à experiência subjetiva dos praticantes e às sensações despertadas durante a vivência da prática; a Ética refere-se à construção de valores como o respeito às regras, aos colegas e ao ambiente; a Estética se manifesta na beleza dos movimentos, na fluidez do percurso e na relação harmoniosa com o espaço; já a Educacional destaca o potencial pedagógico da prática, especialmente em ambientes escolares, onde promove aprendizagens interdisciplinares e significativas. A dimensão Espetacular, por sua vez, apresenta menor evidência no Esporte Orientação, devido ao seu caráter introspectivo, à realização em ambientes naturais e à baixa visibilidade midiática. No entanto, ela pode se manifestar de forma alternativa, como na socialização de experiências por meio de registros visuais, na organização de eventos escolares ou em mostras culturais que deem visibilidade à prática e promovam o reconhecimento social da modalidade (Marchi Júnior, 2010; Alves; Araújo, 2022).

A articulação dessas cinco dimensões contribui para ampliar a compreensão do Esporte Orientação como uma prática promotora da autonomia, do protagonismo estudantil e de vivências formativas integradas. Essa perspectiva dialógica pode ser enriquecida por outras abordagens contemporâneas, como a Teoria da Autodeterminação (Deci & Ryan, 2017), que compartilha com os 5E's a valorização da experiência subjetiva, do engajamento autêntico e do desenvolvimento integral dos estudantes — aspectos essenciais no ambiente educacional.

Ao integrar essas cinco esferas, o modelo possibilita uma leitura ampliada das práticas corporais, reconhecendo nelas oportunidades para a formação crítica, autônoma e reflexiva dos estudantes (Luz *et al.*, 2023). Tal abordagem, portanto, amplia a compreensão do Esporte Orientação como uma prática promotora do protagonismo estudantil, da autonomia e de vivências significativas no processo de formação.

Logo um dos aspectos a serem observados na prática pedagógica por meio do Esporte Orientação é o nível de engajamento e interesse dos alunos a partir dos primeiros contatos com a modalidade. Para compreender esse fenômeno, é pertinente recorrer à Teoria da Autodeterminação (Self-Determination Theory – SDT), formulada por Deci e Ryan. Essa teoria propõe que a motivação humana é regulada por três necessidades psicológicas básicas: Autonomia, Competência e Relacionamento. Quando essas necessidades são satisfeitas no ambiente escolar, os estudantes tendem a desenvolver uma motivação mais autônoma e duradoura, com maior envolvimento nas atividades (DECI; RYAN, 2017).

O Esporte Orientação, por suas características dinâmicas e desafiadoras, favorece diretamente a satisfação dessas três necessidades. Os estudantes exercem autonomia ao tomarem decisões durante o percurso, sentem-se competentes ao superar os desafios propostos e constroem vínculos por meio da colaboração com os colegas. Dessa forma, a vivência da modalidade não apenas contribui para o desenvolvimento motor e cognitivo, mas também potencializa a motivação intrínseca dos estudantes. Essa relação positiva com a prática corporal amplia as possibilidades de adesão à atividade e reforça seu valor educativo (DECI; RYAN, 2017).

Nesse contexto, o Esporte Orientação assume um papel estratégico na Educação Física Escolar ao proporcionar situações em que os estudantes são desafiados a tomar decisões, solucionar problemas em tempo real e se orientar em ambientes diversos. Tais experiências favorecem o desenvolvimento de competências relacionadas ao pensamento crítico, à cooperação, à resiliência e à gestão do tempo e do espaço. Além disso, por ser uma prática que se realiza predominantemente ao ar livre, ela contribui para a valorização e o cuidado com o meio ambiente, fortalecendo a dimensão socioambiental da formação integral. A articulação entre o corpo em movimento, a leitura de mapas e o uso da bússola estimula um aprendizado interativo e interdisciplinar, promovendo o letramento cartográfico, a consciência geográfica e a autonomia dos alunos em relação ao próprio processo de aprendizagem (PEREIRA, 2022).

Além disso, a vivência do Esporte Orientação nas aulas de EF estimula a participação ativa dos estudantes em ambientes desafiadores e dinâmicos, nos quais o erro e a experimentação fazem parte do processo de aprendizagem. Essa característica favorece a construção de uma postura investigativa, em que o aluno se torna protagonista da própria trajetória, refletindo sobre suas escolhas e estratégias a cada novo percurso. A prática também contribui para o fortalecimento de habilidades socioemocionais, como o autocontrole, a resiliência, a cooperação e a empatia, especialmente quando realizada em grupos, fomentando a interação e o respeito mútuo entre os colegas (Mendes, 2022).

A interdisciplinaridade é outro aspecto relevante do Esporte Orientação no ambiente escolar. Ao articular conhecimentos da Geografia, Matemática, Ciências e Educação Física, essa prática amplia o repertório cultural dos alunos e reforça a ideia de que o saber não está compartimentalizado, mas conectado às experiências reais vividas no cotidiano. Desse modo, o Esporte Orientação contribui para a construção de aprendizagens significativas e contextualizadas, em sintonia com os pressupostos da BNCC, que valoriza o desenvolvimento das competências gerais e das habilidades relacionadas ao protagonismo juvenil, à cidadania e ao pensamento crítico (Brasil, 2018; Lopes & Andrade, 2022).

Além disso, os praticantes do Esporte Orientação desenvolvem a habilidade de visualização mental, transformando as informações bidimensionais do mapa em uma assimilação tridimensional do terreno. A prática constante

dessa leitura e interpretação espacial aprimora significativamente essas habilidades, que podem ser aplicadas em diferentes contextos da vida, como a resolução de problemas complexos, a organização espacial e a tomada de decisões estratégicas em ambientes variados (Ekstrom *et al.*, 2015). Esse aprimoramento evidencia o valor dessa prática corporal como ferramenta educacional multifacetada.

Corroborando essa perspectiva, Alves; Araújo (2022) destacam que o ensino do Esporte Orientação no Ensino Fundamental favorece não apenas o desenvolvimento da linguagem corporal dos estudantes, mas também a construção de uma atitude mais observadora, crítica e sensível em relação ao ambiente natural e ao próprio corpo em movimento. Tal experiência pedagógica se revela potente por articular conteúdo escolar, inclusão e temáticas transversais como meio ambiente e saúde.

Dessa forma, o Esporte Orientação extrapola a dimensão física ao promover o desenvolvimento de competências cognitivas relevantes para a formação integral dos estudantes. A leitura e interpretação de mapas topográficos, o cálculo de rotas, a estimativa de distâncias e a tomada de decisões em tempo real exigem a construção de representações mentais complexas e a integração de informações visuais com conhecimentos prévios. Tais demandas cognitivas estimulam funções como a percepção espacial, o raciocínio lógico, a resolução de problemas e a análise crítica, proporcionando um ambiente rico em desafios intelectuais. Ao mobilizar essas capacidades de forma simultânea, a prática contribui para o aprendizado interdisciplinar e significativo, conforme orienta a BNCC, ao permitir que os estudantes apliquem os conhecimentos escolares em situações práticas, desafiadoras e contextualizadas (Brasil, 2018; Silva & Rodrigues, 2021).

Desse modo, Sundblad *et al.* (2005) aponta que o Esporte Orientação tem a possibilidade de promover a melhoria da concentração e atenção, e a sua prática constante aprimora a capacidade de foco uma vez que tem que lidar com a leitura dos detalhes do mapa e estar atento com o ambiente ao seu redor se tornando essenciais para essa manifestação corporal. Essa capacidade que os praticantes têm de lidar com diversas informações ao mesmo tempo resulta em significativas melhorias na atenção.

De outro modo, ao considerar os aspectos físicos, essa manifestação corporal oferece benefícios significativos para a saúde e o desenvolvimento corporal dos praticantes. Por ser uma prática que combina exercícios aeróbicos com desafios em terrenos irregulares, promove impactos positivos na saúde cardiovascular, controle de peso corporal e resistência muscular (Marinho & Schwartz, 2005). Além disso, a prática regular contribui para a melhoria da força, flexibilidade e coordenação motora (Pereira, 2022). Por tratar-se de uma PCA realizada predominantemente em ambientes naturais, o Esporte Orientação desafia os praticantes a se movimentarem em terrenos variados, o que amplia habilidades como força, agilidade e equilíbrio (Caldwell & Smith, 2017). Esses fatores o tornam uma ferramenta completa para o desenvolvimento físico, aliando os benefícios do contato com a natureza à superação de desafios corporais (Mourin & Silva, 2021).

Os benefícios do Esporte Orientação vão além do desenvolvimento físico, incluindo impactos positivos na saúde mental e no bem-estar. Estar exposto a ambientes naturais durante a prática da atividade pode diminuir os níveis de estresse, aumentar o humor e melhorar a qualidade do sono. Além disso, a associação do exercício físico com a natureza potencializa as mudanças positivas, tornando esta prática uma atividade que desenvolve de maneira global as valências dos praticantes (Mitchell, 2013).

O Esporte Orientação, além de combinar caminhada, corrida e escalada, promove o desenvolvimento da resistência cardiovascular e da força muscular ao exigir esforço físico variado e contínuo, contribuindo para o condicionamento físico geral (Silva, 2020). Contudo, seu diferencial vai além dos benefícios físicos, uma vez que sua prática ocorre ao ar livre, em contato direto com a natureza. Essa interação favorece a formação de cidadãos mais conscientes e críticos, despertando um senso de responsabilidade em relação à preservação ambiental e às causas ligadas à sustentabilidade (Mitchell, 2013). Alinhado a isso, a BNCC ressalta a importância de discutir com os alunos princípios como a valorização, o respeito e a educação ambiental, incentivando práticas sustentáveis no contexto escolar e na sociedade em geral (Brasil, 2018).

Assim sendo, uma proposta pedagógica realizada em espaços abertos configura-se não apenas como uma atividade diferenciada por romper com a rotina escolar, mas também como uma prática inclusiva, na qual todos os alunos

podem participar, independentemente de suas condições físicas ou do seu grau de habilidade. Essa acessibilidade amplia o alcance do Esporte Orientação, promovendo a interação entre os estudantes e o respeito às diferenças. Essa visão está alinhada com os princípios da BNCC, que enfatiza a valorização das diversas manifestações culturais e corporais, bem como o reconhecimento das diferentes capacidades, interesses e habilidades dos alunos como elementos essenciais para a construção de um ambiente educacional plural e democrático (Brasil, 2018).

Pode-se ressaltar também os benefícios sociais do Esporte Orientação, pois esta prática incentiva atividades em grupo que promovem a cooperação, a comunicação e o espírito de equipe. Durante sua vivência, os participantes são desafiados a trabalhar em conjunto, fortalecendo suas interações sociais e desenvolvendo habilidades para apoiar mutuamente os colegas. Essa dinâmica contribui significativamente para a construção de relações interpessoais saudáveis e para o desenvolvimento de competências sociais, essenciais não só no contexto do Esporte Orientação, mas também em outras abordagens pedagógicas e atividades escolares que incentivam a colaboração e o trabalho em equipe, como jogos cooperativos, projetos em grupo e práticas de convivência escolar (McNeill, 2009).

A construção de vínculos sociais é favorecida pela vivência das práticas em ambientes naturais, os quais oferecem uma sensação de liberdade e maior conexão com o espaço aberto. Essa característica permite que o processo de ensino-aprendizagem se torne mais completo e significativo, especialmente quando comparado a práticas realizadas em ambientes fechados, como as salas de aula. O contato direto com a natureza e a dinâmica de trabalho coletivo proporcionam um aprendizado integrado, que reforça a interação entre os participantes e o desenvolvimento de valores como cooperação, solidariedade e respeito mútuo (Silva, 2020).

Nos eventos de Esporte Orientação, os participantes frequentemente realizam as atividades em grupo, o que favorece a construção de relações interpessoais e incentiva o diálogo para o planejamento e execução das estratégias próprias da prática. Essa interação promove o respeito mútuo, ao mesmo tempo em que fortalece a diversidade e a integração entre os praticantes. Ao criar um ambiente acolhedor e inclusivo, o Esporte Orientação contribui para

o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento entre os participantes, elemento fundamental para um aprendizado significativo e a formação de vínculos sociais duradouros (Nascimento, 2022).

A interação social nas aulas de Esporte Orientação reforça ainda mais os laços de amizade entre os estudantes, criando oportunidades para o desenvolvimento e fortalecimento das relações interpessoais. Isso ocorre porque muitas das tarefas propostas durante a prática dependem da colaboração entre os participantes para solucionar problemas e alcançar os objetivos. Essa dinâmica de cooperação não só estimula habilidades sociais, como também incentiva a empatia, a paciência e o trabalho em equipe, valores essenciais para a convivência em grupo e para a formação integral dos alunos (Silva, 2021).

Pode-se ressaltar, portanto, que o Esporte Orientação, como ferramenta pedagógica, atende aos desafios contemporâneos relacionados à diminuição da interação entre os estudantes e ao isolamento social, frequentemente associado ao uso excessivo de aparelhos celulares e tecnologias. Ao promover atividades que demandam interação direta, colaboração e contato com o ambiente natural, essa prática corporal resgata valores sociais fundamentais, incentivando uma convivência mais próxima e significativa entre os participantes. Dessa forma, contribui para a construção de espaços de aprendizagem mais humanizados e coletivos (Souza et al., 2023; Mendes, 2022).

Nesta perspectiva, a BNCC ressalta a importância do desenvolvimento emocional e social como pilares para a formação integral dos estudantes. A criação de ambientes escolares integrados, que promovam o equilíbrio entre corpo e mente, é apontada como essencial para o bem-estar e o aprendizado significativo (Brasil, 2018). O Esporte Orientação colabora diretamente para o fortalecimento desses aspectos, ao proporcionar oportunidades para que os alunos superem desafios, desenvolvam autoconfiança e elevem sua autoestima. A vivência prática de solucionar problemas, explorar ambientes e alcançar objetivos concretos contribui para a formação de estudantes mais resilientes e preparados para lidar com as adversidades da vida cotidiana.

Fundamentado nisso, o Esporte Orientação revela-se como uma ferramenta ímpar para os conteúdos da EFE, ao permitir que o professor planeje atividades que considerem o aluno como um ser integral, indo além do simples repasse de conceitos técnicos e físicos. Segundo Pasini (2004), essa prática

corporal é uma atividade que estimula o pensamento abstrato e o raciocínio rápido, enquanto os participantes interagem ativamente com o ambiente ao seu redor. Essa abordagem não apenas amplia o repertório de aprendizagens dos estudantes, como incentiva um ensino mais dinâmico, significativo e alinhado às demandas contemporâneas da educação.

O Esporte Orientação, com base no exposto, pode ser adaptado ao ambiente escolar. Para isso, é importante considerar alguns aspectos: é possível iniciar essa prática mesmo em escolas sem áreas externas adequadas, realizando aulas teóricas e atividades práticas em espaços abertos próximos à unidade escolar. Na visão de Rodrigues (2022), o professor deve ajustar as atividades ao ar livre levando em consideração as especificidades de cada turma e o ambiente disponível para diferentes contextos. Outra forma para viabilizar a implementação desta prática corporal na EFE, são os materiais, que podem ser adaptados ou adquiridos em parceria com instituições para reduzir custos, como, por exemplo, colaborações com clubes de orientação e instituições militares, especialmente para a criação de mapas didáticos.

Cabe ressaltar que o Esporte Orientação é uma ferramenta motivadora na EFE, com um notável potencial interdisciplinar que abrange diversos campos do conhecimento. Nesse contexto, o professor de EF deve reconhecer e explorar as conexões entre a prática e outras disciplinas, não com o objetivo de ensiná-las diretamente, mas para que os alunos percebam as inter-relações com o mundo ao seu redor. Ferreira (2013) destaca que isso pode incluir elementos como a análise da trajetória de uma rota durante um treinamento, a leitura de mapas, ou o uso da matemática para calcular distâncias e prever possíveis erros. Esses aspectos evidenciam o caráter formativo do Esporte Orientação, integrando saberes e tornando a aprendizagem mais significativa.

Ao adotar essa abordagem, o professor promove a interdisciplinaridade e contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo suas múltiplas dimensões: cognitiva, motora e socioafetiva. A EF, com seu foco no movimento corporal, desempenha um papel central nesse processo, ao articular-se de maneira harmoniosa com outras disciplinas para enriquecer a experiência educacional. Como salienta Ferreira (2013), essa integração entre áreas do conhecimento potencializa o aprendizado e torna-o mais relevante para os desafios contemporâneos. Para tanto, é fundamental capacitar os professores

de EF, garantindo que eles compreendam as nuances interdisciplinares do Esporte Orientação e saibam explorar todo o potencial pedagógico que essa prática oferece.

Neste sentido, o Esporte Orientação emerge como uma prática que desafia os praticantes a se orientarem em diferentes terrenos, utilizando mapas e bússolas, enquanto testam suas habilidades cognitivas, éticas, de autocontrole e tomada de decisão. Realizada em contato direto com a natureza, essa atividade apresenta-se como uma opção inclusiva, acessível a pessoas de todas as idades e habilidades, graças à sua diversidade de categorias e níveis de dificuldade. Além de promover a atividade física, o Esporte Orientação sensibiliza os participantes para a importância da preservação ambiental e reforça valores como responsabilidade e cooperação. Essas características tornam a prática um recurso pedagógico valioso, capaz de engajar os estudantes em uma aprendizagem significativa e conectada às demandas sociais e ambientais contemporâneas (Pasini, 2004).

Diante do exposto, o Esporte Orientação consolida-se como uma prática enriquecedora para a Educação Física Escolar, ao integrar diferentes dimensões do desenvolvimento humano – cognitiva, motora e socioafetiva – por meio de experiências significativas em ambientes naturais. Sua característica interdisciplinar favorece a articulação com outras áreas do conhecimento, ampliando as possibilidades de aprendizagem e contribuindo para a formação de sujeitos críticos e atuantes. Além disso, a diversidade de percursos e categorias permite a participação de estudantes com diferentes perfis e habilidades, promovendo inclusão, cooperação e o respeito à diversidade. Tais aspectos dialogam com os princípios da BNCC, que valoriza práticas pedagógicas contextualizadas, integradas e sensíveis às questões sociais e ambientais contemporâneas (Brasil, 2018).

Ao aprofundar a compreensão sobre as singularidades do Esporte Orientação no contexto da Educação Física Escolar, torna-se imprescindível refletir sobre sua íntima relação com o ambiente e as múltiplas camadas de significação que essa interação produz. Trata-se de uma prática corporal que, por definição, depende da interação ativa entre corpo, espaço e tomada de decisão. Diferentemente dos esportes convencionais, praticados em espaços delimitados e previsíveis, o Esporte Orientação requer uma leitura constante do

terreno, o reconhecimento de suas particularidades e a construção de trajetos próprios, o que transforma o ambiente em componente pedagógico central da experiência (FERREIRA, 2021; SILVA, 2020).

Além disso, o Esporte Orientação se diferencia de outras manifestações esportivas por romper com a lógica da repetição técnica e da previsibilidade. Enquanto modalidades tradicionais muitas vezes priorizam a reprodução de gestos padronizados, essa prática convida o(a) estudante à criação de estratégias, à resolução de problemas e à experimentação constante. A imprevisibilidade do terreno, aliada à necessidade de adaptação individual, fomenta o desenvolvimento de competências como autonomia, pensamento crítico, responsabilidade e educação ambiental (PEREIRA, 2022; MORAIS, 2016).

Em síntese, o Esporte Orientação é uma prática que não apenas envolve o ambiente: **ele é o próprio ambiente transformado em ferramenta pedagógica**, mediando a relação entre corpo, espaço, conhecimento e cidadania. Sua oferta na Educação Física Escolar representa uma ruptura com modelos tradicionais, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizado e fortalecendo os vínculos dos(as) estudantes com o mundo que os(as) cerca.

Apesar dos avanços e das potencialidades observadas, a inserção do Esporte Orientação no contexto escolar ainda esbarra em desafios que exigem atenção dos profissionais da educação. A ausência de formação específica sobre práticas corporais de aventura na formação inicial de professores, a carência de materiais e recursos didáticos adequados e a falta de apoio institucional são alguns dos entraves que limitam sua efetiva implementação. Nesse cenário, torna-se imprescindível repensar a organização curricular, investir na formação continuada docente e criar condições que viabilizem o desenvolvimento de propostas pedagógicas inovadoras, coerentes com a realidade da escola e com as necessidades dos estudantes (ROCHA; DARIDO, 2019). No próximo subcapítulo, discutir-se-á os principais desafios para a consolidação do Esporte Orientação no ambiente escolar e refletir-se-á sobre possíveis soluções para ampliar sua aplicabilidade e impacto educacional.

2.4 Obstáculos à Prática do Esporte Orientação na EFE

Embora o Esporte Orientação demonstre amplo potencial pedagógico e interdisciplinar, sua implementação na EFE ainda enfrenta obstáculos expressivos, os quais refletem tanto limitações estruturais quanto desafios culturais presentes no ambiente escolar. A BNCC (Brasil, 2018) enfatiza a relevância de uma formação integral, que valorize a diversidade de práticas corporais e estimule a reflexão crítica sobre o movimento e suas manifestações culturais. No entanto, a ausência de formação docente específica para a condução dessa prática, aliada à escassez de materiais e recursos didáticos adequados, configura-se como um entrave recorrente para a efetivação dessa proposta no cotidiano escolar.

Uma das limitações estruturais mais evidentes para a implementação do Esporte Orientação na EFE está relacionada à carência de recursos materiais essenciais para sua condução. Mapas topográficos, bússolas e espaços diversificados, elementos fundamentais para a realização da prática, encontram-se frequentemente ausentes nas escolas brasileiras, dificultando a execução de atividades que explorem seus princípios de navegação e orientação. Conforme apontam Oliveira (2017), a precariedade da infraestrutura em muitas instituições de ensino inviabiliza a aplicação de propostas que demandam recursos específicos, comprometendo a variedade de conteúdos abordados nas aulas de Educação Física. Esse cenário é ainda mais agravado pela insuficiência de investimentos públicos voltados à área, o que restringe tanto a aquisição de materiais adequados quanto a adaptação de espaços escolares para o desenvolvimento dessa prática (Silva, 2020).

Outro obstáculo significativo para a implementação do Esporte Orientação na EFE refere-se à formação docente, uma vez que muitos professores não possuem capacitação específica para trabalhar com essa prática, o que frequentemente resulta em sua ausência nas aulas de EF. Silva (2011) aponta que os currículos dos cursos de formação inicial em Educação Física, em geral, negligenciam conteúdos relacionados ao Esporte Orientação, gerando um déficit no conhecimento técnico necessário para sua aplicação pedagógica. A falta de formações continuadas agrava ainda mais esse cenário, dificultando o

planejamento e a condução de atividades que envolvem habilidades como a leitura e interpretação de mapas, o uso de bússolas e a navegação por diferentes tipos de terrenos. Tal lacuna formativa compromete o desenvolvimento de práticas mais diversificadas e alinhadas às diretrizes curriculares contemporâneas.

No âmbito pedagógico, a implementação do Esporte Orientação enfrenta o desafio de ser inserida de maneira consistente e significativa nos currículos escolares. Embora a BNCC (Brasil, 2018) reconheça essa prática como um conteúdo possível dentro da unidade temática das PCA, o documento não apresenta diretrizes suficientemente detalhadas para sua aplicação efetiva, o que frequentemente resulta em abordagens superficiais e pontuais, desvinculadas de um planejamento pedagógico aprofundado. Essa falta de orientação clara dificulta a exploração do potencial formativo do Esporte Orientação e limita sua articulação com outras áreas do conhecimento. Consequentemente, a ausência de conexões interdisciplinares reduz sua contribuição ao desenvolvimento integral dos estudantes, enfraquecendo sua capacidade de promover aprendizagens mais complexas e contextualizadas (Moura, 2018).

Do ponto de vista cultural, a implementação do Esporte Orientação na EFE também encontra resistência por parte de alunos, familiares e da própria comunidade escolar, muitas vezes associada ao desconhecimento sobre os benefícios e possibilidades dessa prática. Silva (2011) destaca que a adesão a atividades inovadoras está fortemente relacionada ao envolvimento ativo dos professores no processo de sensibilização dos diferentes agentes escolares, especialmente quando se trata de práticas menos convencionais no ambiente educativo. A ausência de referências culturais que conectem o Esporte Orientação ao cotidiano dos estudantes contribui para essa resistência, tornando a prática distante da realidade de muitas comunidades escolares. Esse distanciamento cultural reforça a priorização de práticas tradicionais em detrimento de abordagens que poderiam ampliar o repertório motor e cultural dos alunos, dificultando a diversificação do currículo de EF.

A implementação do Esporte Orientação na EFE enfrenta, entre outros desafios, a resistência de parte do corpo docente, que ainda se apoia em uma concepção tradicional da disciplina, centrada majoritariamente nos esportes de

rendimento e nas práticas hegemônicas (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2014; BETTI; ZULIANI, 2021). Essa abordagem conservadora contribui para a limitação do repertório corporal oferecido aos alunos e dificulta a inserção de práticas alternativas como as corporais de aventura. Diversos estudos têm apontado que a insegurança docente ao trabalhar com conteúdos menos tradicionais está diretamente associada à lacuna existente na formação continuada dos professores (GAYA; CARDOSO, 2020; MORAES; SILVA, 2019). A formação docente, portanto, deve ser compreendida como um processo contínuo, e não restrito à formação inicial, de modo a ampliar o entendimento sobre as potencialidades pedagógicas das PCA. Nesse sentido, uma capacitação adequada deve ir além do domínio técnico sobre leitura de mapas e técnicas de navegação, promovendo também reflexões críticas sobre a importância de diversificar as experiências corporais no ambiente escolar, estimulando práticas mais inclusivas, contextualizadas e interdisciplinares (RODRIGUES, 2022).

Além da insegurança técnica, é preciso considerar também aspectos culturais e pragmáticos que sustentam a resistência à inclusão de práticas corporais como o Esporte Orientação. Muitos professores permanecem presos a uma lógica pedagógica que privilegia os esportes tradicionais não apenas por hábito, mas por conveniência, já que tais modalidades exigem menor planejamento, envolvem estruturas já disponíveis nas escolas e são amplamente aceitas pela comunidade escolar. Essa repetição automática de conteúdos consolida um ciclo de reprodução de práticas, em que inovações são evitadas por serem vistas como trabalhosas ou desnecessárias. Assim, mesmo com as diretrizes da BNCC que incentivam a diversidade e a contextualização das práticas corporais, a escolha docente acaba, muitas vezes, pautada por uma zona de conforto pedagógica, limitando o potencial formativo da disciplina (Brasil, 2018; Soares, 2013).

Para que o Esporte Orientação se torne uma prática efetiva na Educação Física Escolar, é necessário repensar seu papel como uma estratégia pedagógica que vai além da simples alternativa aos esportes tradicionais. Isso significa enxergá-lo não apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas como uma prática capaz de promover vivências ativas, interdisciplinares e a construção coletiva de saberes. Essa resignificação exige, contudo, superar

barreiras estruturais e organizacionais que, muitas vezes, dificultam sua implementação, como a falta de espaços adequados para a prática e o suporte insuficiente das gestões escolares. Tais obstáculos, aliada à resistência de parte do corpo docente, impedem que o Esporte Orientação seja plenamente explorado como ferramenta formativa no currículo, limitando seu potencial de contribuir para uma educação mais integrada e significativa para os estudantes (Silva, 2020).

Os obstáculos à implementação do Esporte Orientação na EFE refletem uma combinação de desafios estruturais, culturais e pedagógicos que, apesar de expressivos, não devem ser vistos como barreiras intransponíveis. Para superar essas limitações, é essencial adotar uma abordagem que considere as diretrizes da BNCC (Brasil, 2018) e coloque a experiência prática como o eixo central do processo educativo, buscando promover aprendizagens mais significativas e contextualizadas. Essa ressignificação do papel do Esporte Orientação na EFE requer, ainda, um investimento contínuo na formação docente, a adequação curricular para incluir práticas corporais diversificadas e o apoio institucional das gestões escolares. Somente com a articulação entre docentes, escolas e comunidades será possível ampliar o acesso a essas práticas e garantir que elas desempenhem um papel efetivo na formação integral dos estudantes (Silva, 2020).

Diante dos desafios identificados, compreende-se que a consolidação do Esporte Orientação como prática pedagógica significativa na EFE requer um movimento que vá além da superação de obstáculos estruturais e culturais. É preciso promover experiências que dialoguem com os interesses e contextos dos estudantes, valorizando práticas corporais diversificadas e a formação continuada dos professores como pilares para a transformação do ensino.

Assim, encerra-se este capítulo com a reflexão de que a efetiva inserção do Esporte Orientação no currículo escolar está intimamente ligada ao compromisso pedagógico dos docentes e ao suporte institucional que favoreça sua implementação. No capítulo seguinte, será apresentada a trajetória metodológica deste estudo, com a descrição dos procedimentos adotados para a análise das possibilidades e limites dessa prática no ambiente escolar.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, os quais foram fundamentais para orientar a construção das respostas às questões de investigação e para o alcance dos objetivos propostos.

3.1 Universo da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no CIEP 075 – Jardim Cabuçu, localizado no município de Nova Iguaçu, pertencente à Região Metropolitana I da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ). A Unidade Escolar atende aproximadamente 900 estudantes, distribuídos entre os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. A disciplina de Educação Física é ofertada com uma carga horária de dois tempos semanais, com duração de 50 minutos cada, para ambas as etapas de ensino.

O município de Nova Iguaçu está localizado na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, e possui uma área territorial de aproximadamente 520 km², com população estimada em mais de 780 mil habitantes (IBGE, 2024). O crescimento urbano acelerado, marcado por ocupações informais e carência de planejamento, resultou em uma configuração socioespacial desigual, com concentração de infraestrutura e serviços públicos nas regiões centrais. Nesse contexto, o bairro Jardim Cabuçu situa-se na zona periférica da cidade, fazendo fronteira com áreas de expansão urbana e apresentando traços característicos da urbanização fragmentada que atinge muitas áreas da Baixada Fluminense. Sua localização, afastada do centro municipal, agrava as dificuldades de acesso a serviços básicos e evidencia as disparidades presentes no território iguaçuano.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), o município possui elevada densidade demográfica e enfrenta desigualdades socioespaciais significativas, que se intensificam nas áreas mais afastadas do centro urbano, como é o caso do Jardim Cabuçu. Essas desigualdades se manifestam por meio da escassez de serviços básicos, da precariedade no saneamento e da restrita oferta de equipamentos públicos voltados à cultura, ao lazer e à prática esportiva.

Além disso, o território enfrenta desafios relacionados à violência urbana, insegurança alimentar e ausência de políticas públicas que promovam o bem-estar infantojuvenil. Nesse cenário, a escola emerge como um dos poucos espaços de acolhimento, socialização e desenvolvimento integral dos(as) estudantes. Para Rizzini e Sarmiento (2020), em contextos marcados por desigualdades e exclusão social, a escola assume um papel ampliado, funcionando como “uma das principais instituições de proteção e reconhecimento da infância e juventude em territórios de vulnerabilidade”.

Diante dessa realidade, torna-se ainda mais relevante a adoção de práticas pedagógicas que dialoguem com as vivências dos alunos e favoreçam o desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais e corporais. A proposta de inserção do Esporte Orientação neste contexto visa justamente potencializar o protagonismo juvenil e ressignificar os espaços escolares e comunitários como territórios educativos.

3.2 Participantes

Os(as) participantes da pesquisa foram estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, com idades entre 14 e 16 anos, pertencentes ao turno matutino e regularmente matriculados no ano de 2024, totalizando 40 participantes. Todos(as) foram devidamente informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, vinculada à presente Dissertação de Mestrado. Para formalizar a participação, foi entregue a cada estudante um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – Apêndice C) para leitura e assinatura. No caso dos(as) pais ou responsáveis, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B), autorizando tanto a participação dos(as) alunos(as) quanto o uso de imagem e voz durante as atividades. Além disso, foi enviado à gestão da unidade escolar o Termo de Anuência Institucional (TAI – Apêndice A), por meio do qual foi solicitada autorização formal para a realização da pesquisa, incluindo a participação dos(as) estudantes e do professor de EF, com a devida descrição dos objetivos e procedimentos da investigação.

3.3 Materiais e Métodos

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, com enfoque na pesquisa-ação como método de investigação e intervenção pedagógica. Essa escolha metodológica se fundamenta na necessidade de estabelecer uma articulação efetiva entre teoria e prática, por meio da participação ativa do professor-pesquisador na construção, implementação e análise de uma proposta pedagógica inovadora, centrada no Esporte Orientação.

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa-ação exige uma participação planejada do pesquisador na análise de situações problemáticas do contexto em que atua, com o objetivo de compreender e transformar a realidade investigada. No presente estudo, a situação problemática identificada refere-se à limitação do repertório corporal nas aulas de Educação Física Escolar, frequentemente centradas em modalidades esportivas tradicionais, o que tem gerado desmotivação e baixa participação dos(as) estudantes. Essa constatação emergiu da minha vivência docente como pesquisador na própria unidade escolar onde a pesquisa foi desenvolvida, por meio da observação direta das aulas e dos relatos espontâneos dos(as) alunos(as), que demonstraram insatisfação com a repetitividade dos conteúdos e o distanciamento entre as práticas propostas e suas experiências corporais.

Tal cenário foi observado ao longo da prática docente e reforçado por relatos dos(as) próprios(as) alunos(as), que manifestaram desinteresse pelas atividades ofertadas, por considerá-las repetitivas e pouco conectadas às suas realidades. Assim, a escolha pela pesquisa-ação se justifica na intenção de intervir diretamente nesse contexto, por meio da implementação de uma proposta pedagógica inovadora, pautada no Esporte Orientação, buscando ampliar as vivências corporais, estimular o engajamento dos(as) estudantes e ressignificar o espaço escolar como território educativo. Essa transformação ocorre de forma colaborativa, envolvendo os sujeitos do campo em um processo reflexivo e contínuo, no qual os saberes do professor assumem papel central na elaboração crítica do conhecimento. Para Morin (2004), a intervenção direta do

pesquisador no campo, ao lado dos participantes, contribui para a construção de novos sentidos e saberes a partir da experiência vivida.

Nesta investigação, a pesquisa-ação se materializou na aplicação de uma Trilha Pedagógica composta por dez aulas (teóricas e práticas) sobre Esporte Orientação. As aulas foram desenvolvidas ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro de 2024, em dois tempos consecutivos de 50 minutos por semana, totalizando 1h40min por aula.

Para a coleta e sistematização dos dados, foram utilizados três instrumentos principais: questionários (diagnóstico e final), diário de campo e registros fotográficos. Esses instrumentos permitiram a triangulação de dados, assegurando maior confiabilidade às interpretações produzidas ao longo da pesquisa, conforme indicam Marconi; Lakatos (2003).

O Diário de Campo foi utilizado como ferramenta central para o registro das observações do professor-pesquisador, possibilitando a descrição densa e reflexiva do contexto das aulas, do comportamento dos(as) estudantes, das reações frente ao conteúdo e das interações estabelecidas durante a vivência com o Esporte Orientação. De acordo com Minayo (2010), a riqueza das anotações em um diário está diretamente relacionada à sua capacidade de captar nuances do cotidiano, contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado. Para a construção dos registros, foram considerados os apontamentos propostos por Falkemback (1987), que recomenda a sistematização de dados como forma de aprofundar a análise pedagógica das situações vivenciadas.

Com o intuito de enriquecer os registros escritos, foram realizados registros fotográficos durante as aulas, complementando o diário com imagens que captam aspectos não verbalizáveis das vivências. Como aponta Harper (2002), o uso de imagens no contexto qualitativo permite a apreensão de detalhes que muitas vezes escapam à observação direta, servindo como apoio à descrição e à interpretação dos fenômenos educacionais. As fotos foram feitas pelo professor-pesquisador por meio de aparelho celular e, ou, estudantes, em momentos específicos das aulas com a autorização formal dos responsáveis legais por meio do TCLE (Apêndice B).

No que se refere aos questionários, foram utilizados dois instrumentos distintos: um questionário diagnóstico, aplicado no início do processo, e um

questionário avaliativo, ao final da Trilha Pedagógica. O questionário diagnóstico (Apêndice D), composto por 10 questões de múltipla escolha, teve como objetivo identificar os conhecimentos prévios dos(as) estudantes sobre o Esporte Orientação, suas experiências anteriores com práticas similares e suas expectativas quanto às aulas. Já o questionário avaliativo (Apêndice E), também com 10 questões fechadas, buscou analisar os efeitos da intervenção pedagógica, captando os sentimentos, percepções, aspectos positivos e desafios identificados pelos(as) estudantes durante o processo.

Ambos os questionários foram aplicados em formato físico, durante as aulas, e os(as) estudantes tiveram prazo para preenchimento e devolução. A aplicação dos instrumentos ocorreu após o consentimento formal por meio da assinatura do TCLE e do TALE (Apêndice C).

A utilização combinada desses instrumentos, inspirada no estudo de Silva (2020), permitiu compreender tanto os aspectos objetivos quanto subjetivos da vivência com o Esporte Orientação, contemplando desde o planejamento das aulas até as percepções e engajamento dos(as) estudantes, e contribuindo para a avaliação crítica da proposta pedagógica no contexto da EFE.

3.4 Procedimento para Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada de forma sistemática e integrada à aplicação da Trilha Pedagógica, com o intuito de captar as experiências, percepções e níveis de participação dos(as) estudantes ao longo do processo de ensino-aprendizagem do Esporte Orientação. O processo de coleta ocorreu entre os meses de agosto e outubro de 2024, contemplando três momentos principais: antes, durante e após a intervenção pedagógica.

No momento inicial, os(as) estudantes responderam ao questionário diagnóstico, elaborado com base nos objetivos da pesquisa e estruturado em formato de múltipla escolha. Este instrumento teve como finalidade identificar os conhecimentos prévios dos(as) participantes sobre o Esporte Orientação, suas expectativas em relação ao conteúdo e suas experiências anteriores com práticas corporais na natureza. A aplicação foi realizada presencialmente, durante o primeiro encontro.

Durante o desenvolvimento da Trilha Pedagógica, o professor-pesquisador realizou observações sistemáticas e produziu registros em Diário de Campo, redigido em formato digital e organizado por data e aula. Esses registros buscaram captar, de forma descritiva e reflexiva, aspectos relevantes das vivências dos(as) estudantes, como: níveis de engajamento, reações às propostas, interações sociais, dificuldades enfrentadas, iniciativas espontâneas e comentários significativos. Os diários foram enriquecidos por registros fotográficos e as imagens funcionaram como apoio visual para reconstrução de contextos e cenas, oferecendo elementos adicionais para a análise dos dados.

Ao final da intervenção, foi aplicado o questionário avaliativo final, composto por questões fechadas com escalas de resposta, voltado para a compreensão das percepções dos(as) estudantes sobre a experiência vivida. Este instrumento buscou identificar os efeitos pedagógicos da proposta, como o interesse pelo conteúdo, os desafios enfrentados, as aprendizagens percebidas e o grau de aceitação do Esporte Orientação enquanto conteúdo na EFE.

3.5 Procedimento para Análise dos Dados

A análise dos dados desta pesquisa foi realizada com base nos princípios da Análise de Conteúdo Temática, conforme proposto por Bardin (2016). Essa técnica se mostrou adequada à proposta do estudo, por permitir a sistematização e interpretação de sentidos presentes nas falas, comportamentos e interações registradas durante a aplicação da Trilha Pedagógica, especialmente por meio do Diário de Campo e dos Questionários.

De acordo com Bardin (2016), a Análise de Conteúdo envolve três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com interpretação. A aplicação desses procedimentos possibilitou identificar categorias de significado que emergiram das experiências dos(as) estudantes durante as aulas de Esporte Orientação, permitindo relacioná-las diretamente aos objetivos da pesquisa.

Na pré-análise, foi realizada uma leitura flutuante e criteriosa dos registros produzidos no Diário de Campo, compreendendo anotações descritivas e reflexivas elaboradas ao longo das dez aulas da sequência didática. Esse material foi organizado de acordo com a ordem cronológica das aulas e das

atividades propostas (teóricas e práticas), constituindo o *corpus* da pesquisa. A partir disso, foi possível delimitar os trechos mais relevantes, os quais expressavam aspectos centrais da vivência pedagógica, tais como: participação dos(as) alunos(as), dificuldades, resistências, colaborações, aprendizagens e reações ao conteúdo.

Na exploração do material, foram identificadas unidades de registro – palavras, expressões, atitudes e comportamentos observados e descritos – que revelavam sentidos recorrentes nas interações estabelecidas ao longo do processo. Essas unidades foram agrupadas em categorias temáticas, a priori, construídas com base nos objetivos específicos do estudo e nas contribuições do referencial teórico. As categorias são: Participação e engajamento dos(as) estudantes, Aprendizagens e percepções sobre o Esporte Orientação, Desafios e Superações durante a implementação, e, Contribuições do Esporte Orientação para a EFE.

Na última etapa, de tratamento dos resultados e interpretação, os dados organizados foram analisados à luz dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico que sustenta a proposta pedagógica, especialmente no que tange à abordagem das PCA na EFE. A partir dessa leitura crítica, buscou-se compreender em que medida o Esporte Orientação contribuiu para diversificar o conteúdo da disciplina, favorecer a participação dos(as) estudantes e promover aprendizagens significativas no contexto da escola pública.

Complementarmente à análise qualitativa, os dados coletados por meio dos dois questionários (diagnóstico e avaliativo) foram analisados por meio da análise estatística descritiva, com a finalidade de quantificar as respostas e identificar tendências gerais nos posicionamentos dos(as) estudantes. As respostas foram convertidas em frequências relativas, apresentadas ora por meio de tabela ora acopladas ao texto, de modo a oferecer uma visão panorâmica das percepções, expectativas e aprendizados dos(as) participantes.

Como estratégia de triangulação metodológica, os dados qualitativos oriundos do Diário de Campo foram confrontados com os dados descritivos obtidos nos questionários, tanto no diagnóstico inicial quanto na avaliação final.

Essa comparação permitiu reforçar evidências, confirmar interpretações ou apontar contradições, ampliando a confiabilidade e a densidade analítica do estudo (Marconi; Lakatos, 2003).

As falas e comportamentos considerados mais representativos serão apresentados ao longo do capítulo de Resultados e Discussão, acompanhados de nomes fictícios, de modo a preservar a identidade dos(as) estudantes, conforme os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos.

Para fins deste estudo, compreendem-se como representativos os trechos discursivos e atitudes que sintetizam padrões recorrentes de percepção, sentimento e ação observados entre os(as) participantes durante a sequência didática, especialmente aqueles que ilustram de maneira significativa os impactos do Esporte Orientação no engajamento, na motivação e nos processos de aprendizagem. Essa escolha baseou-se nos critérios de repetição, relevância e intensidade expressiva, conforme preconiza a análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2016).

A utilização da Análise de Conteúdo, portanto, possibilitou uma leitura aprofundada das vivências escolares, oferecendo elementos relevantes para pensar a inserção do Esporte Orientação como conteúdo significativo e formativo na EFE.

3.6 Aspectos Éticos

O presente estudo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), tendo sido aprovado sob o parecer consubstanciado de número 6.814.135, com CAAE 85422224.5.0000.0311. Todas as etapas do estudo seguiram rigorosamente os princípios estabelecidos pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que orientam as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

A coleta de dados ocorreu somente após a aprovação ética, respeitando o direito à informação, ao consentimento livre e esclarecido, à privacidade e à dignidade dos(as) participantes. Foram utilizados três documentos éticos essenciais: o TAI, o TCLE e o TALE, assinado pelos(as) próprios(as) estudantes e seus responsáveis legais.

Todos os(as) participantes foram previamente informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos, os riscos e benefícios da participação, bem como sobre seus direitos, incluindo a liberdade de se retirar

do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. O TCLE e o TALE também incluíram autorização específica para o uso de imagem e voz dos(as) estudantes durante os registros das aulas.

A pesquisa foi realizada no ambiente escolar, durante o horário regular das aulas de EF, com total transparência junto à comunidade escolar. O conteúdo abordado não envolveu dados sensíveis, e todas as informações coletadas foram tratadas com anonimato e sigilo. Para garantir a confidencialidade, os nomes dos(as) participantes foram substituídos por nomes fictícios nos registros, nos instrumentos de análise e na redação da dissertação.

Os dados foram armazenados em ambiente digital seguro, com acesso restrito ao professor-pesquisador. Os resultados poderão ser compartilhados em publicações acadêmicas e eventos científicos, sempre com o devido cuidado de preservar a identidade dos(as) envolvidos(as) e utilizar as informações exclusivamente para fins científicos, educacionais e de formação docente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta e analisa os dados produzidos durante a implementação da Trilha Pedagógica sobre o Esporte Orientação com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. A análise contempla os dados obtidos nos dois questionários aplicados aos(as) estudantes bem como os registros sistemáticos do Diário de Campo, elaborados ao longo das aulas. Com base nesses instrumentos, foi possível interpretar os sentidos construídos pelos(as) alunos(as) ao longo do processo, suas percepções sobre a prática proposta e o impacto da vivência no contexto escolar.

Nesta primeira etapa, são discutidos os resultados do questionário diagnóstico, cuja finalidade foi identificar os conhecimentos prévios, percepções iniciais e expectativas dos(as) estudantes em relação ao Esporte Orientação antes do início das aulas oferecendo um panorama. A seguir, apresenta-se a Tabela 1 com os dados sistematizados e sua respectiva análise.

Tabela 1 – Resultados do Questionário Diagnóstico (n = 40)

Nº	Pergunta	Alternativa	Frequência	
			n	%
1	Você já ouviu falar sobre o Esporte Orientação?	A) Sim, conheço bem.	1	2,5%
		B) Já ouvi falar, mas não sei detalhes.	4	10%
		C) Não, nunca ouvi falar.	35	87,5%
2	O que você acredita ser o principal objetivo do Esporte Orientação?	A) Chegar mais rápido ao destino.	2	5%
		B) Localizar pontos com mapa e bússola.	1	2,5%
		C) Completar circuito de obstáculos.	2	5%
		D) Correr em trilha sinalizada.	0	0%
		E) Não sei responder.	35	87,5%
3	Qual destes itens é essencial para praticar o Esporte Orientação?	A) Bola e rede.	0	0%
		B) Mapa e bússola.	34	85%
		C) Bicicleta.	1	2,5%
		D) Uniforme específico.	0	0%
		E) Não sei responder.	5	12,5%
4	O Esporte Orientação é praticado em que tipo de ambiente?	A) Campos e florestas.	27	67,5%
		B) Não sei responder.	13	32,5%
5	Qual sua opinião sobre aprender um esporte com leitura de mapas?	A) Muito interessante.	3	7,5%
		B) Interessante.	11	27,5%
		C) Indiferente.	4	10%
		D) Pouco interessante.	22	55%
		E) Nada interessante.	0	0%

6	O que indica um ponto de controle no Esporte Orientação?	A) Um ponto no mapa.	28	70%
		B) Fim do percurso.	9	22,5%
		C) Não sei responder.	3	7,5%
7	Qual habilidade é mais importante no Esporte Orientação?	A) Força física.	7	17,5%
		B) Interpretação de mapas.	27	67,5%
		C) Não sei responder.	6	15%
8	Você já participou de alguma atividade de Esporte Orientação?	A) Sim, recreativa.	2	5%
		B) Não, nunca participei.	38	95%
9	Qual habilidade principal é desenvolvida na prática?	A) Trabalho em equipe.	7	17,5%
		B) Tomada de decisão.	10	25%
		C) Não sei responder.	23	57,5%
10	Você considera o EO interessante para a aula de EF?	A) Muito interessante.	4	10%
		B) Interessante, mas não sei como seria.	9	22,5%
		C) Prefiro outros esportes.	23	57,5%
		D) Não tenho opinião formada.	4	10%

Fonte: O autor.

Os dados obtidos por meio do questionário diagnóstico revelam um cenário inicial marcado pelo desconhecimento quase absoluto dos(as) estudantes em relação ao Esporte Orientação, evidenciando a situação-problema que motivou a presente investigação. Do total de 40 participantes, 87,5% (35 alunos/as) afirmaram nunca ter ouvido falar na modalidade, enquanto apenas 12,5% (5 alunos/as) relataram conhecê-la superficialmente. Além disso, 100% dos(as) estudantes declararam nunca ter vivenciado essa prática durante sua trajetória escolar. Quando questionados sobre o conteúdo das aulas de Educação Física, a ampla maioria mencionou a predominância de esportes de quadra, como futebol, handebol e vôlei, e 67,5% afirmaram não se sentir motivados com as atividades ofertadas, por considerá-las repetitivas e pouco conectadas às suas realidades. Esses achados reforçam a percepção de um currículo pouco diversificado e distante das diretrizes da BNCC (BRASIL, 2018), que propõe a vivência de diferentes práticas corporais. Tal panorama justifica a adoção da pesquisa-ação como metodologia, a fim de intervir nesse contexto e propor, de maneira colaborativa e crítica, a implementação de uma Trilha Pedagógica com foco no Esporte Orientação. A proposta busca ampliar o repertório corporal dos(as) estudantes, estimular sua participação ativa e ressignificar o espaço escolar como território educativo.

Esses dados dialogam diretamente com o contexto vivenciado na escola onde a pesquisa foi realizada, marcada por limitações estruturais e uma rotina pedagógica centrada na repetição de esportes tradicionais em quadra. No cotidiano das aulas de Educação Física, observa-se que a ausência da utilização dos espaços abertos amplos, aliada à carência de materiais e à sobrecarga curricular, favorece a priorização de conteúdos considerados mais “seguros” e de fácil organização (SILVA; MORAES, 2019; DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2014). Além disso, o próprio histórico escolar dos(as) estudantes reforça essa cultura esportiva restrita, uma vez que grande parte deles nunca teve acesso a práticas corporais não convencionais, como o Esporte Orientação, seja na escola ou fora dela. Como professor atuante na unidade escolar, percebi que essa ausência de diversidade nas aulas gerava um ambiente de desmotivação, com baixo envolvimento e pouca curiosidade dos(as) alunos(as) diante das atividades propostas. Esses fatores, de natureza concreta e contextual, ajudam a compreender os resultados do questionário diagnóstico e reforçam a urgência de intervenções pedagógicas que promovam vivências corporais inovadoras e conectadas com as realidades dos(as) estudantes (RODRIGUES, 2022; FRANCO; TAHARA; DARIDO, 2018).

Já na primeira questão, observa-se que 87,5% dos respondentes nunca haviam sequer ouvido falar sobre a prática, enquanto apenas 2,5% afirmaram conhecê-la bem.

Esse distanciamento conceitual é confirmado na segunda questão, em que novamente 87,5% dos(as) estudantes declararam não saber qual é o objetivo do Esporte Orientação. Além de evidenciar a falta de familiaridade, esse dado aponta para uma lacuna curricular quanto às PCA nas aulas de Educação Física, mesmo com sua previsão na BNCC como conteúdo a ser contemplado.

Por outro lado, alguns conhecimentos fragmentados aparecem. Na terceira questão, 85% indicaram corretamente “mapa e bússola” como itens essenciais para a prática, resposta que pode ter sido influenciada por associações com outras atividades ou mesmo pelo nome da modalidade. Esse dado, no entanto, contrasta com os 12,5% que optaram por “não sei responder”, sugerindo insegurança ou desconhecimento parcial.

A quarta questão, sobre o ambiente em que o esporte é praticado, mostrou que 67,5% dos(as) estudantes indicaram corretamente “campos e

florestas”, o que demonstra certa associação com a prática na natureza. Ainda assim, 32,5% não souberam responder, evidenciando conhecimento disperso.

Em relação à motivação e interesse, os dados revelam um cenário mais sensível: 55% consideraram “pouco interessante” aprender um esporte que envolve leitura de mapas, enquanto apenas 7,5% acharam “muito interessante” e 27,5%, “interessante”. Esse resultado sugere uma resistência inicial, possivelmente decorrente da ausência de contato com práticas semelhantes ou da associação com conteúdos escolares considerados difíceis.

Apesar disso, na sexta questão, 70% responderam corretamente que um ponto de controle é um ponto a ser encontrado no mapa, o que pode indicar capacidade de dedução lógica, ainda que não sustentada por uma vivência concreta com a prática.

Na sétima questão, 67,5% reconheceram a interpretação de mapas como a habilidade mais importante na modalidade, o que demonstra compreensão básica sobre a natureza do esporte. No entanto, 17,5% ainda associaram o Esporte Orientação à “força física”, o que pode refletir uma visão tradicional da EF, centrada em esforço corporal e desempenho atlético.

A oitava pergunta apresentou um dado contundente: 95% dos estudantes nunca participaram de qualquer atividade relacionada ao Esporte Orientação. Esse resultado confirma a invisibilidade do conteúdo na prática pedagógica e reforça a necessidade de diversificação curricular na EFE.

Na nona questão, apenas 25% identificaram a “tomada de decisão” como habilidade desenvolvida pela prática — uma das competências centrais do esporte. Mais da metade (57,5%) declarou não saber responder, revelando falta de compreensão sobre os objetivos pedagógicos da modalidade.

Por fim, na décima questão, a maioria dos(as) estudantes (57,5%) declararam preferir outros esportes, embora 32,5% tenham considerado o Esporte Orientação interessante ou muito interessante, mesmo sem conhecer sua aplicação prática. Esse dado sugere abertura potencial à experimentação, desde que conduzida de forma acessível e envolvente.

Em conjunto, os dados indicam que os(as) estudantes partiam de um nível de conhecimento bastante limitado sobre o Esporte Orientação, o que influenciava diretamente sua motivação e expectativas. Contudo, mesmo diante da ausência de vivência prévia, identificam-se indícios de curiosidade e

disposição para aprender, especialmente se o conteúdo for abordado de forma contextualizada, lúdica e crítica. Esses elementos reforçam a importância da proposta de intervenção pedagógica adotada nesta pesquisa, que busca romper com a lógica tradicional da EF e inserir práticas corporais significativas, voltadas à construção da autonomia, à valorização do meio ambiente e à ampliação do repertório cultural e corporal dos(as) estudantes.

Encerrada a análise dos dados obtidos no questionário diagnóstico, torna-se possível avançar para a compreensão mais aprofundada das experiências vividas pelos(as) estudantes ao longo da Trilha Pedagógica. Essa etapa da pesquisa se baseia nos registros produzidos no Diário de Campo e nos dados qualitativos obtidos durante as dez aulas desenvolvidas, permitindo observar como os(as) alunos(as) se envolveram com a proposta, as dinâmicas de participação, suas reações espontâneas e as interações sociais mediadas pela prática do Esporte Orientação.

A análise a seguir está organizada em categorias temáticas construídas a priori. A primeira apresentada é **Engajamento e participação dos(as) estudantes**, a qual busca compreender o nível de envolvimento dos(as) participantes nas atividades propostas, bem como identificar fatores que potencializaram ou dificultaram sua adesão ao conteúdo.

A análise do diário de campo permitiu observar, de maneira clara, o processo progressivo de engajamento dos(as) estudantes ao longo das dez aulas que compuseram a Trilha Pedagógica do Esporte Orientação. As atividades propostas, articuladas entre teoria e prática, promoveram uma aproximação gradual dos(as) alunos(as) com a modalidade, despertando curiosidade, envolvimento e participação ativa. Para melhor compreensão das etapas e objetivos que compuseram essa proposta didática, recomenda-se a leitura da Trilha Pedagógica descrita no item 1.2 deste trabalho, onde são apresentados os fundamentos, conteúdos e metodologias adotadas ao longo da sequência de aulas.

Partindo de um cenário inicial marcado por resistência e desinteresse — especialmente por parte de alunos acostumados a uma Educação Física centrada em esportes tradicionais como futebol e queimado — o percurso revelou transformações significativas na disposição e na participação da turma. No entanto, ao longo da experiência, observou-se uma transformação

significativa na disposição e no envolvimento dos(as) alunos(as), evidenciando uma **apropriação progressiva** do conteúdo, das estratégias e dos sentidos atribuídos à prática. Tal mudança pode ser compreendida à luz da Teoria da Autodeterminação, proposta por Deci e Ryan (2017), que aponta a importância de satisfazer as necessidades psicológicas de autonomia, competência e pertencimento para promover uma motivação mais autêntica.

O Esporte Orientação, ao estimular a tomada de decisões, o raciocínio estratégico e a colaboração entre pares, favorece o engajamento por meio dessas dimensões. Além disso, como defendem Luz, Júnior e Oliveira (2023), práticas corporais como o Esporte Orientação, ao proporcionarem vivências ativas, desafiadoras e contextualizadas, ampliam a participação dos estudantes e possibilitam aprendizagens mais significativas. Essa perspectiva também dialoga com a proposta de Marchi Júnior (2010), ao destacar que práticas corporais que envolvem a dimensão emocional, ética e educacional favorecem uma conexão mais profunda entre o estudante e o conteúdo, o que contribui diretamente para o aumento da participação nas aulas.

Na primeira aula, muitos estudantes manifestaram desânimo ao saber que não haveria atividades com bola. Houve uma clara resistência ao novo, expressa por falas como: *“Se não for futebol, nem quero jogar”*. No entanto, a mudança de espaço para a sala de recursos, aliada ao uso de recursos audiovisuais e dinâmicas participativas, começou a criar pontes de interesse e curiosidade, sobretudo entre alunos(as) que raramente se destacavam nas aulas práticas tradicionais. A fala do aluno 1, ao afirmar que *“era fundamental aprender e descobrir coisas novas para sair da mesmice”*, já sinalizava um início de abertura ao conteúdo proposto.

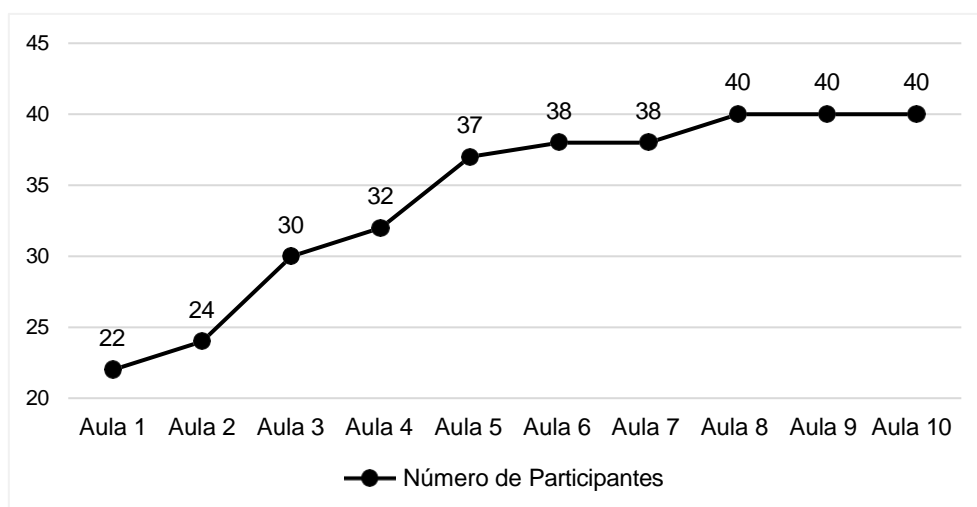
Nas aulas seguintes, o uso de vídeos curtos, debates, atividades em grupo e a articulação com saberes das disciplinas de Geografia e Matemática contribuíram significativamente para despertar o envolvimento dos(as) alunos(as). A interdisciplinaridade proposta nas aulas 2 e 3 ficou evidente quando, ao abordar conteúdos como cartografia, pontos cardeais e o uso da bússola, os(as) estudantes estabeleceram relações espontâneas com temas aprendidos na Geografia, como orientação espacial e representação do território. Simultaneamente, as noções de proporção, escala e contagem de passos,

fundamentais para a navegação no Esporte Orientação, geraram conexões com conceitos matemáticos, como o raciocínio lógico e a estimativa de distâncias.

Essas interações foram perceptíveis em falas como a do(a) estudante que declarou: “*Até no futebol tem matemática*”, e na empolgação daqueles que passaram a utilizar o próprio corpo como instrumento de orientação, dizendo: “*A gente virou uma bússola humana!*”. Tais manifestações demonstram não apenas o engajamento lúdico, mas também a apropriação crítica e afetiva dos saberes trabalhados, potencializada pela abordagem interdisciplinar.

Do ponto de vista quantitativo, a Trilha Pedagógica também revelou um crescimento constante na participação dos(as) estudantes, conforme ilustrado no Gráfico 1, que apresenta a evolução da adesão ativa às atividades propostas ao longo das aulas. O gráfico foi construído considerando indicadores como envolvimento nas tarefas, cooperação entre colegas, interesse demonstrado nas discussões e frequência efetiva nas aulas.

Gráfico 1 - Aumento da Participação ao longo das aulas



Fonte: O autor.

Na primeira aula, 22 dos 40 estudantes participaram ativamente das atividades propostas. Esse número foi aumentando gradualmente: 24 na segunda aula, 30 na terceira, 32 na quarta e 37 na quinta. Tal evolução indica um processo de adesão progressiva à proposta pedagógica, sinalizando uma quebra inicial de resistência e um aumento da confiança e do interesse dos(as) estudantes. Esse crescimento pode ser atribuído à natureza envolvente e dinâmica das atividades, que articularam desafios físicos e cognitivos em um

formato inovador e significativo. De acordo com Deci e Ryan (2017), a motivação autônoma tende a emergir quando as necessidades de autonomia, competência e vínculo social são contempladas — elementos presentes na Trilha Pedagógica.

A partir da sexta aula, observou-se um patamar elevado e estável de engajamento, com 38 estudantes envolvidos nas atividades práticas realizadas nos espaços internos da escola. Já nas aulas 8, 9 e 10, o número chegou ao pico de 40 participantes engajados, o que representa 100% da turma. Esse dado expressivo reforça não apenas a eficácia da proposta metodológica adotada, mas também o potencial do Esporte Orientação, enquanto conteúdo da EFE, de mobilizar diferentes perfis estudantis por meio da integração entre movimento, estratégia, ludicidade e relação com o meio ambiente.

Como apontam Luz, Júnior e Oliveira (2023), práticas corporais que promovem vivências desafiadoras e contextualizadas favorecem a construção de aprendizagens significativas e aumentam o engajamento dos estudantes. Assim, os dados indicam que a experiência contribuiu para transformar a relação da turma com a Educação Física, promovendo maior participação, motivação intrínseca e pertencimento.

Uma das experiências mais significativas da sequência didática ocorreu na aula 9, realizada fora do ambiente escolar, na **Quinta da Boa Vista (RJ)**. O objetivo foi aplicar, em uma situação real, os conhecimentos desenvolvidos ao longo das aulas anteriores, como leitura de mapas, uso da bússola, planejamento de rotas e interpretação simbólica. O espaço foi estrategicamente escolhido por sua amplitude, segurança e valor histórico, permitindo que os(as) alunos(as) vivenciassem a prática do Esporte Orientação em um ambiente dinâmico e desafiador.

A atividade prática fora dos muros da escola representou um divisor de águas no envolvimento dos(as) estudantes. Além da animação com o “campo real”, os alunos demonstraram domínio conceitual e habilidades técnicas construídas nas etapas anteriores. A presença de convidados, como os atletas do grupo “Se Orienta Rio”, aliada à parceria dos professores de Geografia, fortaleceu a proposta interdisciplinar e valorizou a experiência dos(as) estudantes como sujeitos ativos na construção do conhecimento.

Entretanto, o processo de aprendizagem não começou apenas ao chegar ao local. O simples ato de **sair da escola (CIEP 075, em Nova Iguaçu)** e

deslocar-se até a Quinta da Boa Vista já se configurou como uma **aula prática de Orientação**, na medida em que exigiu atenção ao trajeto, percepção geográfica e reconhecimento espacial. A jornada de ônibus pelos diferentes bairros do Rio de Janeiro ofereceu aos alunos a oportunidade de ver a cidade sob outro ponto de vista, compreendendo distâncias, caminhos, divisões territoriais e relações entre município periférico e capital.

Durante o trajeto, observou-se um alto nível de **empolgação e curiosidade** por parte dos(as) estudantes. Muitos apontavam pontos turísticos pela janela, questionavam sobre os bairros e se surpreendiam com a paisagem urbana. Esse envolvimento foi potencializado por um dado marcante: **cerca de 90% da turma nunca havia visitado a Quinta da Boa Vista**, apesar de sua relevância histórica, ambiental e cultural. Em roda de conversa posterior, uma aluna 23 relatou: *“Eu achava que aqui era só pra passeio de criança pequena ou turista. Nunca pensei que podia ser uma aula, ainda mais numa aula de Educação Física”*.

Essa constatação revela aspectos profundos da relação entre os(as) estudantes e o espaço urbano. Muitos deles(as) **não reconheciam a importância da Quinta da Boa Vista como patrimônio ou possibilidade educativa**, seja por **falta de acesso**, por **não enxergar o espaço como parte de sua realidade**, ou por **não terem sido estimulados a olhar para a cidade como território de aprendizado**. Nesse sentido, a atividade extrapolou o conteúdo técnico da Educação Física e passou a dialogar com questões de pertencimento, valorização do espaço público e ampliação do horizonte cultural.

A aula foi estruturada em dois momentos principais: uma breve **revisão teórica inicial**, seguida pela realização de um **Circuito de Orientação prático**, com pontos de controle estrategicamente distribuídos pelo parque. Cada ponto integrava perguntas interativas baseadas nos conteúdos previamente abordados, permitindo que os(as) estudantes revisassem os conhecimentos durante o percurso.

Logo nos primeiros minutos de atividade, foi perceptível o entusiasmo do grupo. No diário de campo, foi registrado: *“Os alunos exploravam o espaço com brilho nos olhos, perguntando-se como traçar a melhor rota. Em vez de dispersão, havia concentração. O parque cidade parecia outro aos olhos de quem agora a percorria com mapa e bússola nas mãos”*. Esse envolvimento não

era apenas físico, mas emocional e cognitivo, mostrando que a prática em ambiente aberto despertava sentidos múltiplos de aprendizagem.

A atividade proporcionou a vivência concreta dos três pilares da **Teoria da Autodeterminação** (Deci & Ryan, 2017): **autonomia**, por permitir que os estudantes tomassem decisões estratégicas durante o percurso; **competência percebida**, ao possibilitar que aplicassem na prática conhecimentos já consolidados; e **vínculo social**, por exigir cooperação e diálogo em cada etapa do trajeto.

O aluno 17 comentou ao final da aula: *“Foi a primeira vez que aprendi fora da sala e nem vi o tempo passar. Achei que ia ser difícil, mas consegui me virar com o mapa. A gente se ajudou muito”*. Essa fala, espontânea e carregada de significado, revela não apenas a assimilação dos conteúdos, mas também um processo de **apropriação da cidade como espaço educativo** (Luz et al., 2023; França, 2023).

Outro aspecto relevante foi a forma como os(as) estudantes se organizaram nas equipes. Observou-se um alto grau de colaboração, com divisão espontânea de tarefas — um interpretava o mapa, outro cuidava da direção com a bússola, outro cronometrava. Essa vivência reforça o papel da prática como **promotora de habilidades socioemocionais**, como cooperação, empatia, comunicação e escuta ativa (MENDES, 2022; NASCIMENTO, 2022).

Do ponto de vista pedagógico, essa saída de campo contribuiu para a **quebra da rotina escolar tradicional**, ampliando o repertório de experiências dos(as) estudantes e reafirmando a escola como parte de um território ampliado de aprendizagem. Como destacam Alves e Araújo (2022), vivências ao ar livre potencializam o engajamento e a formação integral, sobretudo quando aliadas a práticas corporais intencionais e interdisciplinares.

Em roda de conversa ao final da aula, surgiram reflexões riquíssimas. Um aluno afirmou: *“Eu nunca tinha saído do bairro pra fazer uma aula assim. Foi diferente, porque não é só correr. A gente tem que pensar e ajudar os outros também”*. Outra aluna complementou: *“Agora eu sei que o mapa serve pra mais do que GPS do celular. A gente que manda, não o aplicativo”*. Uma aluna expressou: *“Eu achei que ia ficar perdida, mas a gente conseguiu. Eu nunca imaginei que esse lugar podia virar aula. Foi a aula mais legal de Educação Física que tive até hoje”*. Essas falas refletem não apenas o aprendizado técnico,

mas uma **apropriação do espaço urbano como extensão da escola** e um fortalecimento da autoconfiança dos(as) alunos(as) como sujeitos ativos no processo educativo.

Como defendem Luz, Júnior e Oliveira (2023) e França (2023), práticas corporais fora dos muros escolares favorecem a formação integral, o sentimento de pertencimento e a valorização do território como campo de conhecimento. Ao mesmo tempo, permitem que o(a) professor(a) ressignifique os conteúdos da Educação Física, ampliando suas conexões com outras áreas do saber e com a realidade vivida pelos(as) estudantes.

Esses relatos confirmam a capacidade do Esporte Orientação de transformar espaços comuns em **territórios pedagógicos** e de ressignificar o papel do aluno na construção do conhecimento. A prática, além de promover aprendizagem significativa, permitiu que os(as) estudantes estabelecessem novas relações com o ambiente, com os colegas e consigo mesmos(as).

Em síntese, a aula 09 se destacou como um momento emblemático da sequência didática, não apenas pela aplicação prática dos conteúdos, mas pelo impacto emocional, social e cognitivo gerado nos(as) estudantes. A Quinta da Boa Vista, além de cenário, tornou-se parte do conteúdo, ampliando as fronteiras da Educação Física Escolar e reafirmando o Esporte Orientação como uma prática capaz de **dialogar com o espaço, a cultura e a vida** (FERREIRA, 2021; FRANÇA, 2023; ALBUQUERQUE et al., 2022).

Por fim, na aula 10, o uso de tecnologias como o *Google Earth* e simuladores digitais permitiu que os(as) estudantes revisitassem os aprendizados sob novas perspectivas. A fala de um dos alunos sintetiza esse processo de ressignificação: *“Achava que Educação Física era só futsal e queimado, mas agora vi que dá pra aprender outras coisas que também envolvem o corpo, o lugar onde a gente mora e até a natureza.”* Essas manifestações indicam não apenas a apropriação de conteúdos, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, escuta e cooperação, dimensões fundamentais para a formação integral proposta pela BNCC (Brasil, 2018).

Essa reflexão reafirma que a Trilha Pedagógica promoveu não apenas uma participação ativa, mas também uma ampliação da compreensão sobre o papel da EF no contexto escolar. Conforme aponta Freire (2007), toda prática

educativa significativa nasce do diálogo entre sujeitos e do reconhecimento da realidade como ponto de partida.

Nesse sentido, o Esporte Orientação, quando trabalhado de forma crítica, contextualizada e sensível às experiências dos(as) estudantes, revelou-se uma ferramenta potente de mobilização, aprendizagem e transformação. Dessa forma, o processo educativo desenvolvido nesta pesquisa demonstrou o potencial formador e transformador das práticas corporais diversificadas, como defende Darido (2014).

Os dados apresentados até aqui evidenciam que o engajamento dos(as) estudantes ao longo da Trilha Pedagógica não se restringiu à dimensão da participação ativa, mas implicou também uma abertura crescente ao novo, à experimentação e ao diálogo interdisciplinar. No entanto, para além do envolvimento nas atividades, torna-se essencial compreender como esses(as) estudantes significaram o conteúdo vivenciado e quais aprendizagens construíram ao longo das aulas.

Dessa forma, na próxima categoria analítica, **Aprendizagens e percepções sobre o Esporte Orientação**, são discutidos os sentidos atribuídos pelos(as) alunos(as) à prática pedagógica desenvolvida, a partir da escuta das suas falas, atitudes e reflexões ao longo do processo. A análise contempla tanto os aspectos conceituais e técnicos apropriados durante as aulas, quanto os elementos subjetivos que emergiram das vivências, como descobertas pessoais, mudanças de visão sobre a EF e a relação com o território.

Para tanto, ao final da Trilha Pedagógica, foi aplicado um questionário avaliativo com o objetivo de compreender as percepções, aprendizagens e impressões dos(as) estudantes sobre o conteúdo de Esporte Orientação. Os resultados obtidos revelam uma mudança significativa em relação ao diagnóstico inicial, apontando para a efetividade da proposta pedagógica e a potência do conteúdo como ferramenta formativa (*Vide* Tabela 2).

Tabela 2 – Resultados do Questionário Avaliativo aplicado ao final da Trilha Pedagógica (n = 40)

Nº	Pergunta	Alternativa	Frequência	
			n	%
1	O que mais te marcou durante a prática do Esporte Orientação?	(A) O desafio de navegar pelo mapa	7	17,5%
		(B) O contato com a natureza	13	32,5%
		(C) A sensação de competição	12	30%
		(D) Trabalhar em equipe	8	20%
2	Qual habilidade você acha que mais desenvolveu com a prática?	(A) Planejamento estratégico	2	5%
		(B) Tomada de decisão sob pressão	7	17,5%
		(C) Interpretação de mapas e bússolas	31	77,5%
3	Como você avalia o aprendizado teórico?	(A) Muito interessante e útil	12	30%
		(B) Interessante, mas com algumas dificuldades	28	70%
4	Sensação ao concluir os percursos práticos?	(A) Orgulho e satisfação	30	75%
		(B) Alegria moderada	10	25%
5	O Esporte Orientação ajudou a melhorar sua concentração e memória?	(A) Sim, de forma significativa	18	45%
		(B) Sim, em alguns momentos	12	30%
		(C) Não percebi impacto	3	7,5%
		(D) Ainda preciso melhorar muito	7	17,5%
6	Contato com a natureza foi importante?	(A) Foi essencial para a experiência	13	32,5%
		(B) Tornou a atividade mais agradável	27	67,5%
7	Avaliação geral do Esporte Orientação	(A) Um esporte diferente e cheio de aprendizados	29	72,5%
		(B) Interessante, mas com desafios	11	27,5%
8	Principal lição aprendida	(A) Planejamento e estratégia	5	12,5%
		(B) Capacidade de adaptação	5	12,5%
		(C) Trabalho em equipe	4	10%
		(D) Conexão com a natureza e o ambiente	26	65%
9	Relevância do conteúdo no ambiente escolar	(A) Muito relevante	36	90%
		(B) Relevante	4	10%
10	Interesse em continuar praticando	(A) Sim, com certeza	36	90%
		(B) Sim, talvez	4	10%

Fonte: O autor.

Um dado que merece destaque é o alto percentual de estudantes que manifestaram interesse em continuar praticando o Esporte Orientação após o término da sequência didática. Conforme apresentado na Tabela 2, 90% dos(as) respondentes afirmaram que "sim, com certeza" gostariam de seguir praticando essa manifestação corporal. Esse resultado não apenas valida a aceitação da proposta pedagógica, como também aponta para o potencial da modalidade em se consolidar como conteúdo permanente no currículo da Educação Física Escolar.

Tal interesse está alinhado aos princípios da Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 2017), segundo a qual a motivação intrínseca tende a se manter quando os sujeitos percebem valor na atividade, sentem-se competentes para realizá-la e estabelecem vínculos positivos com seus pares. A experiência com o Esporte Orientação parece ter promovido essas condições, gerando envolvimento genuíno e duradouro com a prática. Além disso, como apontam Luz, Júnior e Oliveira (2023), propostas que envolvem desafios reais, contato com a natureza e possibilidades de protagonismo tendem a ampliar o engajamento estudantil e promover maior sentido à vivência escolar. O dado, portanto, reforça a relevância de práticas corporais inovadoras e contextualizadas para a formação integral dos(as) estudantes e convida à reflexão sobre a permanência e expansão dessas experiências no cotidiano da escola.

Dito isso, a tabela 2 apresenta um panorama geral dos resultados consolidados. Entre os aspectos destacados, sobressai-se a habilidade de interpretação de mapas e bússolas como o principal aprendizado adquirido: 77,5% dos(as) estudantes indicaram esse item como a competência mais desenvolvida durante as aulas. Esse dado sinaliza a efetividade das estratégias adotadas na abordagem dos conteúdos técnicos, especialmente nas aulas voltadas ao uso da bússola, leitura de simbologia e planejamento de rotas. Essa aprendizagem técnica não se dá de forma isolada, mas articulada a outras dimensões, como destaca Pasini (2004), ao defenderem que a orientação é uma prática que exige a integração entre corpo, cognição e espaço.

Outras habilidades cognitivas também foram apontadas como desenvolvidas ao longo da prática, como a tomada de decisão sob pressão (17,5%) e o planejamento estratégico (5%), competências essenciais para a leitura crítica do ambiente e a resolução de problemas em tempo real. Como aponta Branco (2018), o Esporte Orientação demanda raciocínio lógico, percepção situacional e capacidade de adaptação — elementos que foram reconhecidos pelos(as) estudantes como partes do processo de aprendizagem vivenciado.

No campo afetivo, os resultados também foram expressivos: 75% dos(as) alunos(as) relataram ter sentido orgulho e satisfação ao concluir os percursos práticos. Essa emoção positiva vinculada à superação de desafios reforça o

caráter formativo da experiência, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e da autoconfiança. Como ressalta Freire (2007), a educação só é significativa quando mobiliza não apenas o intelecto, mas também os afetos, permitindo que os sujeitos se sintam autores de sua própria aprendizagem.

A percepção dos(as) estudantes sobre o ambiente natural como espaço de aprendizagem também foi destaque. Quando questionados sobre a principal lição aprendida, 65% apontaram a conexão com a natureza e o ambiente, revelando uma dimensão ética e ambiental da prática. Além disso, 67,5% afirmaram que o contato com o meio natural tornou a atividade mais agradável, enquanto 32,5% consideraram esse elemento essencial para a experiência. Essas respostas dialogam diretamente com os objetivos da aula 8, que promoveu reflexões sobre responsabilidade ambiental e cidadania ecológica. Como defendem Loureiro (2004) e Silva (2020), práticas corporais ao ar livre, quando intencionalmente planejadas, tornam-se oportunidades potentes para a construção de uma consciência socioambiental crítica.

Do ponto de vista escolar, a proposta foi amplamente validada pelos(as) estudantes: 90% avaliaram o Esporte Orientação como muito relevante para o ambiente escolar, e o mesmo percentual demonstrou interesse em continuar praticando a atividade. Esses índices contrastam com os resultados do diagnóstico inicial, no qual 57,5% dos(as) estudantes demonstravam preferência por outros esportes. Esse deslocamento de percepção evidencia a eficácia da proposta pedagógica em ampliar o repertório cultural e corporal dos(as) alunos(as), conforme orienta a BNCC (Brasil, 2018), ao propor uma EF plural, inclusiva e contextualizada.

As falas registradas nos momentos de encerramento das aulas reforçam esse movimento de ressignificação. Um dos alunos afirmou: *“Achava que Educação Física era só futebol, agora vi que dá pra aprender muito com o mapa”*, enquanto outro destacou: *“Nunca tinha prestado atenção em tanta coisa perto da escola”*. Essas expressões revelam não apenas a apropriação crítica do conteúdo, mas também uma mudança na forma como os(as) estudantes passam a perceber o território escolar e seu entorno como espaços vivos de aprendizagem.

Em consonância com Freire (2007), que defende a leitura do mundo como elemento fundamental da prática educativa, os dados apresentados nesta

categoria indicam que o Esporte Orientação, quando desenvolvido de forma crítica e contextualizada, pode ampliar horizontes, transformar percepções e contribuir para uma formação verdadeiramente integral. A experiência vivenciada pelos(as) estudantes revelou que é possível aprender com o corpo em movimento, com o espaço ao redor e com os desafios que a prática propõe — promovendo, assim, uma EF conectada com a realidade e com os sentidos que os(as) alunos(as) atribuem àquilo que vivenciam.

Essas aprendizagens constatadas ao final da trilha já podiam ser identificadas de forma progressiva ao longo das aulas, conforme registrado no Diário de Campo. A cada nova vivência, foi possível observar transformações sutis, porém significativas, no modo como os(as) estudantes se posicionavam diante do conteúdo. Desde a aula 3, por exemplo, quando o aluno 13 comentou que *“com a bússola fica mais fácil entender o mapa”*, já era possível perceber uma construção concreta de saberes, atrelada ao entendimento da relação entre mapa e orientação. A aluna 14, ao questionar *“Por que a agulha magnética sempre apontava para o norte?”*, demonstrava um interesse genuíno em compreender o funcionamento dos instrumentos, o que indicava apropriação e aprofundamento conceitual.

Nas atividades práticas a partir da aula 5, a aprendizagem se revelou de forma ainda mais clara: a aluna 35 reconheceu que, sem o domínio da lateralidade e da percepção espacial, *“era bem capaz de ir para o lado contrário indicado no mapa”*. Já o aluno 40, antes resistente à proposta, afirmou que *“pra encontrar a melhor rota não adianta correr mais rápido, mas sim estar com essas habilidades bem desenvolvidas”*. Tais reflexões evidenciam que a compreensão do conteúdo extrapolou o nível técnico e passou a ser situada dentro de um raciocínio estratégico, onde a precisão e o planejamento se sobrepunham à velocidade ou à força física.

A aula 6 foi especialmente reveladora nesse aspecto, com estudantes se apropriando do próprio corpo como instrumento de medição. Ao comentar que *“o meu passo é menor que o do meu colega, então vou precisar de mais pra chegar no mesmo lugar”*, a aluna 2 demonstrou domínio da noção de proporção e uma leitura crítica do próprio deslocamento no espaço. O uso dos mapas mentais, nessa mesma aula, também ampliou as possibilidades de leitura e

representação do território escolar, promovendo uma aprendizagem que era ao mesmo tempo técnica e afetiva.

Nas aulas seguintes, falas como a da aluna 39 — *“agora sei que não é só correr, tem que pensar muito antes”* — e do aluno 2 — *“foi legal ver que cada um tinha uma ideia”* — demonstraram uma apropriação não apenas dos fundamentos da modalidade, mas também do processo de tomada de decisão coletiva e do valor do trabalho em grupo. O conteúdo passou a ser compreendido como uma prática que envolve análise, escuta, negociação e empatia, aspectos que foram se aprofundando nas aulas práticas e nas interações promovidas pelo jogo de orientação em duplas.

A décima aula, com a inserção de tecnologias, trouxe novas formas de compreensão sobre o espaço e consolidou aprendizagens anteriores sob outras perspectivas. Foi possível perceber, pela atuação espontânea de estudantes que até então não se destacavam, que as aprendizagens construídas não foram apenas pontuais, mas revelaram uma transformação no modo de pensar, sentir e agir em relação ao corpo, ao espaço e ao conhecimento.

Essas observações, registradas ao longo do Diário de Campo, reforçam que a Trilha Pedagógica não apenas proporcionou momentos de aprendizagem pontuais, mas desencadeou um processo de construção de sentido — no qual os(as) estudantes passaram a perceber a EF para além da lógica esportivista e reconheceram nela um espaço legítimo para o pensamento, o planejamento, a análise crítica e a conexão com o mundo ao seu redor.

Entretanto, para que tais aprendizagens se materializassem de forma significativa, foi preciso atravessar uma série de desafios, que marcaram a trajetória da proposta desde sua concepção até sua execução. As aprendizagens construídas ao longo da trilha revelam que o Esporte Orientação pode ser muito mais do que um conteúdo alternativo dentro da EFE — trata-se de uma prática potente na formação integral dos(as) estudantes.

Nesse sentido, a próxima categoria, **Desafios e Superações durante a Implementação**, analisa os obstáculos enfrentados e as estratégias de superação adotadas durante a aplicação da Trilha Pedagógica, pois embora bem-sucedida em termos de participação e aprendizagem, foi marcada por uma série de questões, tanto no plano estrutural quanto pedagógico. Longe de fragilizar a proposta, esses obstáculos revelaram-se oportunidades para

aprofundar a escuta dos(as) estudantes, exercitar a mediação crítica e fortalecer a intencionalidade educativa da prática. Superá-los exigiu flexibilidade, sensibilidade e um olhar atento à realidade concreta da escola e de seus sujeitos.

Um dos primeiros desafios enfrentados foi a resistência inicial de parte da turma, sobretudo entre estudantes que se identificavam com práticas corporais hegemônicas, centradas no futebol e no queimado. O diário de campo da aula 1 registra manifestações como *“ah, não professor, não vai ter queimada?”*, revelando não apenas uma preferência, mas um imaginário limitante sobre o que pode ou deve ser ensinado nas aulas de EF. Essa resistência não foi combatida com imposições, mas acolhida com escuta ativa e intencionalidade pedagógica.

Ao propor atividades dinâmicas, interativas e conectadas com saberes do cotidiano, o professor-pesquisador foi, gradualmente, conquistando a confiança do grupo, que passou a perceber valor nas novas experiências.

Outra questão foi que, embora a unidade contasse com uma área externa ampla, optou-se estrategicamente por iniciar as aulas práticas em ambientes mais controlados, como corredores e pátios internos, o que gerou descontentamento de alguns(as) estudantes. Essa escolha teve como objetivo facilitar a familiarização com os conceitos e instrumentos técnicos do Esporte Orientação — mapas, simbologias, bússolas — e garantir um espaço seguro para as primeiras vivências em grupo. O diário de campo das aulas 2 e 3 registra a construção de pequenos percursos dentro do prédio escolar, nos quais os(as) alunos(as) precisavam interpretar rotas, localizar pontos e articular a leitura espacial com o deslocamento físico. As adaptações criativas realizadas pelo docente revelaram que, mesmo em contextos desafiadores, é possível ressignificar o espaço escolar como território educativo e promover experiências corporais ricas em significado.

Além disso, observou-se a necessidade de ressignificar a própria concepção da disciplina de EF junto aos(as) estudantes. Acostumados a um currículo pautado em repetições técnicas ou na lógica esportivizada, muitos alunos(as) estranharam, inicialmente, a proposta interdisciplinar e crítica da Trilha. A abordagem adotada, que articulava cartografia (Geografia), escalas e medidas (Matemática) e temas transversais como Educação Ambiental e cidadania, exigiu um tempo de adaptação, tanto do ponto de vista metodológico quanto da disposição para a escuta e o diálogo. A mediação docente teve papel

central nesse processo: ao valorizar os saberes prévios da turma, construir pontes entre o conteúdo e a realidade deles(as) e promover atividades com sentido, foi possível ampliar a visão da turma sobre o corpo, o movimento e o espaço vivido.

Um dos maiores desafios logísticos da proposta foi o planejamento e execução da aula externa na Quinta da Boa Vista, que envolveu articulação com a direção, a coordenação pedagógica, os professores parceiros (especialmente da Geografia) e a comunidade escolar. O diário de campo da aula 9 relata o cuidado com o transporte, a organização dos grupos e a mediação durante o percurso real, em um espaço público urbano. Apesar da complexidade, a aula foi considerada um ponto alto da Trilha Pedagógica, não apenas por consolidar os conhecimentos trabalhados, mas por promover o contato direto com o território, ativar a autonomia dos(as) estudantes e fortalecer o vínculo afetivo com a prática. As falas registradas ao final da atividade — como *“adorei sair da escola, nunca tinha vindo aqui”*, *“se a aula de Educação Física fosse sempre assim eu fazia mais vezes”*, *“fui triste e voltei feliz”*, *“muita adrenalina, adorei”*, *“gostei da experiência, foi bem cansativo, mas também muito legal, gostaria de vir mais vezes”*, *“aprendi um monte de coisa e nem parecia que era aula”*, e, *“a gente achava que ia se perder, mas no final conseguimos chegar certinho. Foi tipo uma missão em grupo”* — revelam a potência da experiência em integrar conteúdo, criticidade e cooperação.

Superar esses desafios exigiu um posicionamento ético e pedagógico coerente com os princípios da proposta: promover uma EF que reconhece os sujeitos em sua pluralidade, que respeita o tempo do aprender e que se constrói a partir da realidade concreta da escola. Como aponta Freire (1996), *“ensinar exige coragem para enfrentar os obstáculos e esperar novos caminhos”*. Ao assumir o papel de educador pesquisador, o docente se posicionou não como mero aplicador de métodos, mas como sujeito reflexivo, sensível às tensões do cotidiano escolar e comprometido com a formação integral dos(as) estudantes. Assim, os desafios não foram barreiras, mas partes constituintes de um processo formativo que se fez no encontro entre teoria e prática, intencionalidade e escuta, planejamento e improviso, conhecimento técnico e afeto.

Nesse contexto de resignificação da prática docente e dos processos educativos, emergem com clareza as múltiplas contribuições que o Esporte

Orientação pode oferecer à EFE. Mais do que uma atividade alternativa, a proposta revelou-se como uma prática corporal potente para ampliar repertórios, provocar reflexões e transformar a maneira como os(as) estudantes se relacionam com o corpo, o movimento e o espaço vivido.

Isto posto, dá-se sequência para a última categoria deste estudo: **Contribuições do Esporte Orientação para a Educação Física Escolar**. Elas se evidenciaram na diversificação dos conteúdos trabalhados, no desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais e na valorização da experiência corporal em contextos pedagógicos vivos e conectados com o território dos(as) estudantes.

Uma das contribuições mais notáveis foi a possibilidade de romper com a lógica esportivizada ainda dominante em muitas escolas. O Esporte Orientação, ao articular movimento, raciocínio e leitura de espaço, proporcionou uma prática que desloca o foco da repetição mecânica para a resolução de problemas, para a cooperação e para o protagonismo estudantil. Como registrou o Diário de Campo da aula 5, ao afirmar que *“se não prestar atenção no mapa, a gente se perde mesmo correndo muito”*, o aluno 16 expressa um deslocamento importante em sua percepção: do desempenho físico isolado para uma leitura estratégica e reflexiva da prática corporal.

Essa perspectiva foi reforçada ao longo das aulas em que o corpo foi mobilizado como ferramenta de orientação, medição e percepção do espaço, e não apenas como instrumento de execução motora. A prática de utilizar passos como unidade de medida, por exemplo, levou os(as) estudantes a perceberem o próprio corpo como instrumento de leitura espacial. A aluna 27, durante a aula 6, comentou: *“se cada um mede o caminho com o próprio corpo, então ninguém vai ter o mesmo número de passos”*, o que revela uma apropriação concreta de noções de proporção e deslocamento, articulando o corpo ao raciocínio lógico.

Nesse processo, o espaço escolar e seu entorno foram ressignificados como territórios educativos, capazes de mobilizar aprendizagens situadas e críticas. Locais antes naturalizados como “apenas passagem” tornaram-se mapas vivos, cheios de significados. A aula externa realizada na Quinta da Boa Vista representou um marco nesse sentido: os(as) estudantes não apenas aplicaram os conhecimentos adquiridos, mas ampliaram suas relações com o espaço, reconhecendo-o como extensão do processo educativo. *“Nunca tinha*

vindo aqui. Agora vou olhar o parque de outro jeito”, disse a aluna 21 ao final da aula 9, revelando um deslocamento no modo de perceber o território. Como destacam Silva (2020) e Baierle (2012), é no contato com o espaço vivido que se constituem experiências pedagógicas que articulam corpo, lugar e sentido.

O Esporte Orientação também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais. Planejamento de rotas, leitura de simbologias, negociação de trajetos em grupo e resolução de problemas em tempo real foram experiências constantes ao longo da Trilha. Além da escuta e da liderança, competências como empatia e cooperação se tornaram perceptíveis nas interações entre colegas, sobretudo nas atividades em dupla. O aluno 11 sintetizou bem esse aprendizado na aula 7, ao afirmar: “*primeiro a gente pensa o caminho, depois corre atrás dele*”. Essas falas, articuladas aos dados do questionário avaliativo, em que 90% dos(as) estudantes consideraram o conteúdo muito relevante, confirmam a potência da proposta para além da dimensão física.

A dimensão interdisciplinar e transversal do Esporte Orientação foi outra contribuição relevante. O diálogo com saberes da Geografia, da Matemática e da Educação Ambiental foi se consolidando a cada aula. Essa integração se deu de forma contextualizada e orgânica, sem forçar a interdisciplinaridade, mas fazendo com que ela emergisse das próprias necessidades da prática. Na aula 3, por exemplo, a aluna 26 comentou: “*nunca pensei que usar mapa tinha a ver com o que a gente aprende em Matemática*”, após compreender as relações entre escala, deslocamento e pontos cardeais — revelando como o conteúdo dialogou com o cotidiano dos(as) estudantes.

Do ponto de vista pedagógico e inclusivo, o Esporte Orientação mostrou-se adaptável e sensível às diferenças. Ao trabalhar em duplas ou pequenos grupos, foi possível respeitar diferentes ritmos, habilidades e formas de se orientar no espaço. Estudantes que raramente se destacavam nas aulas tradicionais passaram a participar com entusiasmo, como registrado no diário de campo da aula 4, quando a aluna 12 — que costumava permanecer afastada das atividades — liderou o grupo na leitura do mapa. Essa flexibilidade favoreceu a construção de uma EF mais democrática, pautada no reconhecimento das singularidades e na valorização da participação de todos(as), em consonância com os princípios da BNCC (Brasil, 2018).

Por fim, a proposta se revelou um terreno fértil para o letramento cartográfico e corporal, uma vez que o corpo não foi apenas executante, mas também leitor e produtor de sentidos. A articulação entre movimento e território permitiu que os(as) estudantes ampliassem sua percepção espacial, sua autonomia e seu senso de pertencimento. Ao final da Trilha, um estudante afirmou: *“agora eu vejo que dá pra aprender Educação Física de outros jeitos, com o corpo pensando”*, sintetizando o sentido ampliado da prática.

Assim, ao ser incorporado de maneira crítica, reflexiva e situada no cotidiano escolar, o Esporte Orientação mostrou-se uma ferramenta pedagógica potente para ampliar o escopo da EF, estimular aprendizagens significativas, fortalecer a relação dos(as) estudantes com o espaço vivido e contribuir para uma formação integral que valorize o corpo, o pensamento, o afeto e o território.

Esse processo não se restringiu aos(as) estudantes. Como pesquisador-professor, também experimentei uma trajetória de **apropriação**: ressignifiquei minha prática, explorei novas formas de ensinar e escutar, e ampliei minha compreensão sobre o papel da Educação Física Escolar como campo de possibilidades formativas. A Trilha não foi apenas um recurso aplicado, mas uma experiência de formação docente na prática, revelando que a viabilidade do Esporte Orientação na escola pública depende menos da ausência de obstáculos e mais da presença de intencionalidade pedagógica, criatividade e compromisso social.

Considerando os resultados apresentados nas categorias anteriores, tornou-se relevante aprofundar a compreensão da experiência vivida pelos(as) estudantes à luz da Teoria da Autodeterminação formulada por Deci e Ryan (2017). Essa abordagem teórica permitiu interpretar as manifestações dos(as) estudantes não apenas como evidência de participação, mas como expressão do atendimento a três necessidades psicológicas básicas: **autonomia**, **competência** e **relações sociais**. Quando essas necessidades são satisfeitas no ambiente educacional, há maior probabilidade de que os(as) estudantes desenvolvam **motivação intrínseca** e se apropriem de forma crítica e significativa dos conteúdos propostos.

Ao longo da Trilha Pedagógica, diversos momentos foram estruturados para favorecer a tomada de decisão dos(as) estudantes, seja na escolha de percursos, na interpretação de mapas ou na definição de estratégias em grupo.

Essa liberdade de atuação foi essencial para promover a autonomia percebida, elemento central da SDT. Conforme Deci e Ryan (2017), ambientes que oferecem oportunidades reais de escolha tendem a gerar maior envolvimento e satisfação. A análise das falas dos(as) alunos(as) revelou que muitos valorizaram a possibilidade de decidir seus próprios caminhos, experimentar alternativas e até mesmo errar sem punição, entendendo o erro como parte do processo.

Essa experiência de autonomia se contrapôs à lógica tradicional das aulas de Educação Física, frequentemente marcada por comandos únicos e práticas repetitivas. No contexto do Esporte Orientação, os(as) estudantes tornaram-se protagonistas de sua aprendizagem, tendo que se organizar para alcançar objetivos comuns em meio a situações desafiadoras. A vivência prática e a liberdade de ação favoreceram não apenas o engajamento, mas também o desenvolvimento da responsabilidade e da capacidade de autoavaliação.

Outro elemento evidenciado nos dados foi o fortalecimento da **percepção de competência** entre os(as) estudantes. À medida que enfrentavam os desafios impostos pelas atividades — como leitura de mapas, localização de pontos e planejamento de rotas —, os(as) estudantes passaram a reconhecer suas próprias capacidades cognitivas, motoras e estratégicas. Inicialmente, alguns demonstraram insegurança frente ao novo conteúdo, mas, com o avanço das aulas, houve um crescimento progressivo na confiança e na capacidade de realizar as tarefas com autonomia.

Esse sentimento de eficácia pessoal é um dos pilares da motivação intrínseca, segundo a SDT. Quando os(as) estudantes percebem que são capazes de realizar uma atividade com sucesso, a tendência é que se sintam mais motivados a continuar participando. No caso desta pesquisa, esse aspecto se tornou visível nas falas que demonstravam surpresa positiva com os próprios avanços, além da valorização da aprendizagem de algo “*que nunca tinham feito antes*”. O reconhecimento do esforço e da progressão individual foi uma constante nas observações de campo e nos registros escritos, evidenciando a função do Esporte Orientação como ferramenta de construção da autoestima e do senso de competência.

O terceiro componente da Teoria da Autodeterminação diz respeito à necessidade de **relacionamento e pertencimento social**. Essa dimensão foi

intensamente mobilizada durante a prática do Esporte Orientação, especialmente nas atividades em duplas ou grupos, que exigiam cooperação, escuta ativa e resolução coletiva de problemas. A convivência em situações desafiadoras favoreceu o fortalecimento dos laços interpessoais, promovendo uma cultura de respeito, ajuda mútua e empatia entre os(as) participantes.

As falas dos(as) estudantes analisadas revelaram um clima positivo de colaboração e reconhecimento do outro como parte essencial da aprendizagem. Muitos destacaram a importância de ter um colega para ajudar a interpretar o mapa, decidir a melhor rota ou até mesmo dar suporte em momentos de dúvida. Essa experiência contribuiu para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e participativo, onde os vínculos interpessoais foram valorizados como parte integrante da prática pedagógica.

De acordo com Deci e Ryan (2017), contextos educacionais que favorecem relações significativas tendem a gerar maior engajamento e senso de pertencimento. A Trilha Pedagógica cumpriu esse papel ao promover uma experiência coletiva e cooperativa, que valorizava a diversidade de habilidades dos(as) alunos(as) e estimulava o respeito às diferenças.

A análise conjunta das três dimensões propostas pela Teoria da Autodeterminação permite afirmar que a proposta didática baseada no Esporte Orientação favoreceu o atendimento às necessidades psicológicas básicas dos(as) estudantes, o que contribuiu diretamente para o aumento da motivação intrínseca, do engajamento ativo e da apropriação crítica do conteúdo. Os(as) alunos(as) não apenas participaram das atividades, mas passaram a compreender seu valor, estabelecer relações com o território em que vivem e atribuir novos significados à disciplina de Educação Física.

Nesse contexto, o conteúdo deixou de ser apenas mais uma tarefa a ser cumprida e passou a ser vivenciado como um processo formativo integral, envolvendo corpo, mente, relações e espaço. A presença ativa dos(as) estudantes, suas reflexões e sua apropriação teórico-prática do Esporte Orientação demonstram que, quando as condições adequadas são oferecidas — como liberdade de escolha, valorização das capacidades e convivência significativa —, a aprendizagem se torna mais potente, inclusiva e transformadora.

Em síntese, a análise dos resultados aponta que o Esporte Orientação, quando planejado e conduzido de maneira crítica e situada, é capaz de diversificar os conteúdos da Educação Física, promover o engajamento genuíno dos(as) estudantes, ampliar o vínculo com o território e fomentar aprendizagens significativas. A prática, portanto, transcende seu caráter esportivo e se afirma como **ferramenta pedagógica potente e apropriável** na escola pública, sendo capaz de transformar o cotidiano da aula em experiência educativa sensível, crítica e libertadora.

As vivências analisadas ao longo desta pesquisa apontam, portanto, para a urgência e a possibilidade de se pensar uma Educação Física que dialogue com o mundo vivido pelos(as) estudantes, que acolha suas singularidades e que proponha experiências significativas por meio do corpo em movimento, do território habitado e da escuta sensível. A Trilha Pedagógica com o Esporte Orientação não apenas diversificou os conteúdos da área, mas reconfigurou sentidos sobre ensinar, aprender e viver a escola.

Diante disso, cabe agora retomar os caminhos percorridos, confrontar os objetivos propostos com os resultados alcançados e refletir sobre os sentidos que emergem desta jornada pedagógica. É o que se propõe nas Considerações Finais desta dissertação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito explorar as potencialidades e identificar as limitações do Esporte Orientação como uma abordagem pedagógica diversificada da Educação Física Escolar para os (as) estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental. A partir da aplicação de uma sequência didática estruturada, buscou-se compreender como essa prática corporal, ainda pouco explorada no ambiente escolar, pode contribuir para a ampliação do repertório pedagógico e para o engajamento dos estudantes.

Os resultados obtidos evidenciam que o Esporte Orientação, ao ser inserido de forma planejada, crítica e contextualizada, favorece não apenas motivação discente ao ampliar as vivências corporais e promove o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras, socioemocionais e ambientais, mas também a apropriação significativa dos conteúdos por parte dos (as) estudantes.

Essa apropriação não se limitou ao domínio técnico da modalidade, mas envolveu também a leitura crítica do território, a cooperação, o raciocínio estratégico e a ressignificação da Educação Física como espaço de pensamento, escuta e transformação.

Os dados coletados por meio de questionários, registros de campo e observações demonstraram que os(as) estudantes não apenas participaram ativamente das atividades, mas também desenvolveram maior autonomia, senso de cooperação, raciocínio estratégico e valorização do meio ambiente.

A proposta de sequência didática demonstrou ser viável e replicável, mesmo em contextos escolares com limitações estruturais. Adaptando os espaços e recursos disponíveis, foi possível criar situações de aprendizagem significativas e interdisciplinares, em sintonia com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende uma Educação Física plural, crítica e sensível à realidade dos estudantes.

Entretanto, a pesquisa também apontou entraves relevantes para a consolidação do Esporte Orientação no currículo escolar. A falta de formação inicial e continuada dos(as) professores(as) de Educação Física sobre Práticas Corporais de Aventura, a carência de materiais específicos e a predominância de uma cultura esportiva tradicional são desafios que ainda precisam ser enfrentados. Como destacam Silva (2011) e Rodrigues (2022), os cursos de

formação docente, em geral, ainda negligenciam conteúdos relacionados às práticas corporais não convencionais, o que compromete a capacidade dos(as) professores(as) de planejar propostas inovadoras e integradas ao contexto contemporâneo da Educação Física Escolar. A superação dessas barreiras demanda investimentos em políticas públicas de formação docente, reorganização curricular e fortalecimento do apoio institucional às práticas pedagógicas inovadoras.

A apropriação progressiva do conteúdo pelos(as) estudantes, registrada ao longo da sequência didática, reafirma que é possível construir saberes significativos na Educação Física Escolar quando se propõe a escutar, desafiar e acolher. Mais do que um experimento pontual, a Trilha Pedagógica revelou-se um exercício de ressignificação de sentidos — tanto para os(as) estudantes quanto para este pesquisador, que ao longo da investigação também se apropriou criticamente do conteúdo e aprofundou sua prática docente.

Nesse sentido, este estudo contribui para o debate sobre a diversificação dos conteúdos na Educação Física Escolar, apresentando o Esporte Orientação como uma alternativa concreta para o desenvolvimento de experiências educativas alinhadas à formação integral dos(as) estudantes. Ao promover o contato com a natureza, a cooperação e a tomada de decisões conscientes, essa prática se mostra potente para formar sujeitos críticos, autônomos e ambientalmente responsáveis.

Por fim, reafirma-se que a implementação de propostas como esta depende, sobretudo, do compromisso pedagógico dos(as) docentes e da valorização da escola como espaço de criação, resistência e transformação. O Esporte Orientação, ao ser explorado como conteúdo escolar, convida educadores(as) a repensarem suas práticas, a reconhecerem a potência das experiências ao ar livre e a abrirem caminhos para uma Educação Física mais conectada com os desafios e possibilidades do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S; LORENZINI, A. R.; ALMEIDA JÚNIOR, A. S.; MIRANDA, A. C. M.; MOREIRA, E. C; RAMOS, G. N. S. (Org.). **Projeto político-pedagógico**: Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF. São Paulo: 2022.
- ALVES, C. L. S.; ARAÚJO, M. L. B. Práticas corporais de aventura na escola: uma experiência com a Corrida de Orientação no Ensino Fundamental. *In*: Dornellas, L. C. G.; Rezende, F.; Neves, C. M. **Educação física e suas interfaces**: lazer, aventura e meio ambiente. Guarujá-SP: Científica Digital, 2022.
- BAIERLE, E. F. M. **Práticas Corporais Junto A Natureza Na Educação Física Escolar**: As Percepções De Alunos Do 9º Ano Frente Às Vivências Do Esporte De Orientação. 2012. 61f. Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul – UNIJUÍ. Ijuí, RS.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. *In*: BRUHNS, H. T.; ARINHO, A. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 157-202.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física escolar: uma proposta curricular**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- BRANCO, R. **Esporte Orientação**: Uma prática estratégica. Rio de Janeiro: Editora Esporte, 2018.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 3ª ed., 2001.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.
- CALDWELL, L. L., & SMITH, E. A. Leisure and Health: Why Is Leisure Therapeutic? **British Journal of Occupational Therapy**, v. 80, n. 2, 105-113, 2017.
- CBO – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. **Manual técnico da orientação pedestre**. Brasília: CBO, 2021. Disponível em: <https://www.cbo.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. **Projeto Escola Natureza**. 1999. Disponível em: <https://www.cbo.org.br/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DARIDO, S. C. **A educação física escolar e a formação crítica dos alunos.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 36, n. 2, p. 515-530, 2014.

DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de Formação dos alunos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n.1, p. 61-78, 2007.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física na escola: autores, temas e perspectivas de pesquisa.** Campinas: Papirus, 2014.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness.** New York: Guilford Press, 2017.

EKSTROM, R. B.; FRENCH, J. W.; HARMAN, H. H. Spatial Visualization: Theory, Research, and Application. **Psychology Press**, 2015.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**, n. 7, Unijuí, 1987.

FERREIRA, D. A. **O esporte orientação no contexto da educação física escolar: possibilidades e desafios.** 2. ed. Rio de Janeiro: Appris, 2021.

FERREIRA, J. **A Evolução da Orientação no Brasil.** Curitiba: Editora Atlética, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FRANÇA, L. C. **Práticas corporais de aventura: interfaces com a educação ambiental na escola.** *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 29, p. 1-15, 2023.

FRANCO, L. C. P.; TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de Educação Física: relações com a Base Nacional Comum Curricular. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 66-76, 2018.

FREIRE, J. B. **Educação Física e Cultura Corporal.** São Paulo: Scipione, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, N. C. S. *et al.* Corrida de Orientação: uma visão escolar. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 10, n. 1, p. 28-34, 2023.

GAYA, A.; CARDOSO, M. **Educação Física escolar: fundamentos e metodologias.** Porto Alegre: Artmed, 2020.

HARPER, D. Talking about pictures: A case for photo elicitation. **Visual Studies**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 13-26, nov. 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Nova Iguaçu (RJ). Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/nova-iguacu.html>. Acesso em: 14 nov. 2024.

LOPES, M. R.; ANDRADE, V. B. **Interdisciplinaridade e práticas corporais de aventura na escola**. *Revista Didática Sistemática*, v. 25, p. 85-98, 2022.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação Ambiental e Práticas de Aventura**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUZ, D. C.; JÚNIOR, W. M.; OLIVEIRA, A. A. B. O Esporte Orientação como componente pedagógico. *J. Phys. Educ.* v. 34, e3422, 2023.

MARCHI JÚNIOR, W. **Dimensões do fenômeno esportivo: da educação física à espetacularização midiática**. Campinas: Autores Associados, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003. 310p.

MARINHO, V.; SCHWARTZ, M. **Atividade de Aventura e a Educação Física Escolar: práticas e contextos**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MCNEILL, M. Understanding Outdoor Education in the School Context. *Australian Journal of Outdoor Education*, v. 13, n. 1, 34-45, 2009.

MELLO, R. M. S. **Educação Física e orientação: contribuições para a prática docente**. *Revista Educação Física e Ciência*, v. 7, n. 2, p. 101-116, 2005.

MENDES, V. L. **Atividades de aventura e aprendizagem socioemocional**. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 13, n. 1, p. 20-35, 2022.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010. 407p.

MITCHELL, R. Is Physical Activity in Natural Environments Better for Mental Health Than Physical Activity in Other Environments? *Social Science & Medicine*, 91, 130-134, 2013.

MORAES, D. F.; SILVA, M. R. **Formação continuada em educação física: desafios e perspectivas para as práticas corporais de aventura**. *Motrivivência*, v. 31, n. 60, p. 1-14, 2019.

MORAIS, G. G. Práticas Corporais de Aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. *Motrivivência*, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

MORAIS, M. V. **Educação física escolar e os desafios da implementação das práticas corporais de aventura**. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 2, n. 1, p. 15-28, 2016.

MORIN, A. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropologia renovada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOURA, D. L. *et al.* **Dialogando sobre o ensino da Educação Física**: Práticas Corporais de Aventura. Curitiba: CRV, 2018.

MOURIN, L.; SILVA, A. C. **Benefícios físicos da orientação na natureza: um estudo com adolescentes**. *Revista Movimento*, v. 27, p. 1-18, 2021.

MUNSTER, A. Esportes na natureza e suas práticas pedagógicas. **Revista Educação Física e Sociedade**, v. 12, n. 3, p. 45-58, 2004.

NASCIMENTO, P. S. **Educação física, natureza e inclusão: o esporte orientação como possibilidade**. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 14, n. 2, p. 65-82, 2022.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 33, 2011.

OLIVEIRA, D. A. L. **Análise da consonância dos programas nacionais de Educação com os déficits de infraestrutura das escolas públicas do Brasil**: possibilidades e desafios à descentralização. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Faculdade de Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

PASINI, C. G. D. **Corrida de Orientação**: Esporte e Ferramenta Pedagógica para o Ensino. Três Corações. Gráfica Excelsior. 2004.

PEREIRA, D. W. Contribuições da Aventura para a Educação Física: caminhos da complexidade. **Connection Line - Revista Eletrônica do UNIVAG**, [S. l.], n. 28, 2022.

PEREIRA, M. **A Importância da IOF na Globalização da Orientação**. Lisboa: Editora Desporto, 2017.

RIZZINI, Irene; SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infâncias e juventudes: perspectivas sociais e culturais**. São Paulo: Cortez, 2020.

ROCHA, R. S.; DARIDO, S. C. **Formação docente e práticas corporais na escola: repensando o ensino de Educação Física**. Campinas: Papirus, 2019.

RODRIGUES, L. F. **Práticas corporais de aventura e a escola: reflexões e possibilidades**. *Revista Movimento*, v. 28, p. 1-14, 2022.

RODRIGUES, T. F. A Educação Física e a BNCC: Desafios e perspectivas para a prática docente. **Cadernos de Educação Física**, v. 27, n. 4, 409-423, 2022.

SILVA, C. A.; RODRIGUES, L. F. **Educação física, natureza e currículo: uma articulação possível**. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 13, n. 1, p. 40-58, 2021.

SILVA, M. A. F. **Esporte Orientação**: Conceituação, resumo histórico e proposta pedagógica interdisciplinar para currículo escolar. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, escola de Educação Física, Porto Alegre, 2011.

SILVA, M. C. **Aplicabilidade da Prática Corporal “Esporte Orientação” no Espaço Escolar**. 2020. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2020.

SOARES, S. S. **Uma história do Esporte de Orientação no Rio Grande do Sul**. Monografia (Graduação) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SOUSA, M. **Fundamentos do Esporte Orientação**. Porto Alegre: Esporte e Movimento, 2005.

SOUZA, M. M. et al. **Esporte orientação e educação física: uma prática em expansão nas escolas**. *Motrivivência*, v. 35, n. 69, p. 1-20, 2023.

SOUZA, S. L. P. **Educação Física e Ensino Crítico**: O papel da problematização na formação docente. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

SUNDBLAD, B.; PETERSON, P.; ERIKSSON, L. Attention and Cognitive Skills in Orienteering: An Empirical Study. **Cognitive Processing**, v. 6, n. 3, p. 195-205, 2005.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Editora Manole, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Anuência Institucional (TAI)

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Venho por meio deste documento autorizar o pesquisador MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR, sob a orientação do professor Aldair José de Oliveira, a desenvolver o projeto intitulado: A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O IMPACTO DA SUA INCLUSÃO AO CURRÍCULO ESCOLAR. Cabe citar que estou ciente que o pesquisador está regularmente matriculado no curso de mestrado profissional em Educação Física em Rede nacional (PROEF) no polo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Foi esclarecido que os participantes da pesquisa serão os alunos (as) devidamente matriculados na unidade escolar, da rede estadual de ensino. Estou ciente de que a pesquisa consiste em elaborar uma proposta pedagógica diferenciada em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular, contendo coleta de dados, aulas teóricas e práticas, questionários, roteiro de entrevistas e observação. A qualquer momento os participantes poderão desistir de participar da pesquisa, não causando nenhum prejuízo às instituições envolvidas, à pesquisa ou aos participantes. Cabe citar que os procedimentos adotados pelo pesquisador garantem sigilo da identidade dos participantes. Os dados serão utilizados para a realização de relatórios internos e publicações científicas. Essa autorização será válida após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Nova Iguaçu, 14 de março de 2024.



A.A.E. CIEP 075 - JARDIM CABUÇU

CNPJ: 007.500.010/0001-44

INEP: 33058326

Rua Sorocaba, S/Nº - Jardim Cabuçu

Inscrição Estadual: 001.100.000.000

Diretora da Instituição

Alessandra S. Tuasco
Diretora Geral
CIEP 075 - Jardim Cabuçu
Id: 3599534-3 - Mat.: 5008332-8

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Instituto de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Para Pais ou Responsáveis de alunos menores de 18 anos Esclarecimentos)

Caros responsáveis,

Este é um convite para você autorizar a participação de seu(sua) filho(a) em uma pesquisa que será realizada na seguinte unidade de ensino: Ciep 075 Jardim Cabuçu (Município de Nova Iguaçu/RJ) durante as aulas de Educação Física com o título: “A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O IMPACTO DA SUA INCLUSÃO AO CURRÍCULO ESCOLAR”, que tem como pesquisador responsável: Milton Felisberto Ribeiro Junior, sob orientação do Dr. Aldair José de Oliveira, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Objetivo: Pretende-se propor uma sistematização metodológica das aulas de Educação Física para uma turma do 9º ano do ensino fundamental anos finais, organizando, para tal, um material didático-pedagógico contemplando uma perspectiva de aprendizagem dos alunos ao propor a Corrida de Orientação no contexto das Práticas Corporais de Aventura, apresentando também, possibilidades de avaliação da prática pedagógica.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: Compreendemos que este estudo possa contribuir para a propagação dos saberes advindos das Práticas Corporais de Aventura por meio da Corrida de Orientação, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais dos alunos, tomada de decisões e resolução de problemas, fortalecendo o compromisso social docente de despertar a identidade positiva dos alunos e o respeito às diversidades no ambiente escolar, bem como, o

aprendizado socioemocional integrado as aulas de Educação Física, que possa ser significativo para suas vidas cotidianas, contribuindo para a promoção de estilos de vida ativos e saudáveis entre os estudantes, sendo estimulados a tomarem decisões responsáveis durante o processo, além de experimentarem ações avaliativas que investiguem e contribuam para a própria construção do saber, fazendo a relação do que se faz com aquilo que se aprende.

Instrumento para a produção dos dados: A coleta de dados se dará a partir dos instrumentos: Diário de campo, Aparelho celular e audiovisual, Roteiro de entrevistas e Observação. O primeiro momento será adotado o registro dos participantes, um questionário obtido no momento inicial da pesquisa e ao final de cada encontro registrar as observações obtidas durante a aula. O segundo momento serão os registros (anotações, fotos e vídeos) obtidos durante a experimentação das aulas práticas das atividades desenvolvidas e ações e reações dos estudantes nos momentos das práticas corporais.

Procedimentos e Métodos: Será utilizado um diário de campo do professor para anotações das observações das aulas e atividades realizadas, registros fotográficos e audiovisuais dos alunos durante as atividades, feitos pelo celular do próprio pesquisador, para posterior análise das ações desenvolvidas. Todas as informações obtidas pelos referidos instrumentos de coleta de dados serão única e exclusivamente utilizadas para fins acadêmicos e científicos, incluindo publicação do material, sendo respeitado o anonimato daqueles que concordarem em participar, em todo o processo da pesquisa. Para tanto, os responsáveis terão acesso a todos os dados referentes à participação das crianças na pesquisa, incluindo o relatório final. Todas essas informações ficarão guardadas em lugar seguro e de acesso restrito na UFRRJ.

Período de participação: O período de participação na pesquisa será de 8 encontros semanais, durante as aulas regulares de Educação Física dos adolescentes participantes, entre os meses de maio e julho.

Riscos inerentes à participação na pesquisa: Em pesquisas como essa, os riscos são moderados e podem causar, sem a intenção, algum tipo de desconforto e/ ou situações de vergonha com a prática corporal que estará sendo realizada, stress e/ou cansaço físico. Para mitigar esses riscos será realizada uma análise de riscos abrangente antes de implementar a corrida de orientação na escola. Além disso a supervisão adequada, capacitação dos alunos em técnicas de navegação, o uso de equipamentos adequados e a consideração de fatores ambientais são medidas

importantes para garantir a segurança durante a atividade. O estudante tem plena liberdade para desistir da pesquisa em questão, a qualquer momento que desejar, sem nenhuma obrigatoriedade de explicar o motivo pelo qual deseja não mais participar. Caso haja desistência de participar da pesquisa, os estudantes permanecerão realizando as atividades curriculares obrigatórias, mas não estarão mais tendo sua participação documentada, para posterior análise do professor- pesquisador.

Custos e remuneração: Não haverá custos aos participantes, e nem compensação financeira pela participação na pesquisa.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e, se necessário, tenho toda a liberdade de solicitar novos esclarecimentos ao responsável da pesquisa. Todos os dados obtidos sobre a participação do(a) meu(minha) filho(a) na pesquisa, em caso de necessidade poderei acionar o professor responsável pela pesquisa: Professor Milton Felisberto Ribeiro Junior, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF), da UFRRJ, pelo telefone (21) 97629-9961 ou, se desejar, pelo e-mail: miltonproef23@ufrj.br. Em caso de dúvidas quanto aos procedimentos adotados e a ética da pesquisa, o responsável pelo aluno participante, poderá acionar o a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) no telefone: (61) 3315.5878 ou 3315.5879 ou por e-mail no endereço: cns@saude.gov.br.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado e ficará uma via de igual teor com cada uma das partes (Pesquisador e Entrevistado).

_____, _____ de _____ de 2024.

Assinatura do Responsável

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Instituto de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Caro(a) aluno(a),

Este é um convite para você participar da pesquisa: “A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O IMPACTO DA SUA INCLUSÃO AO CURRÍCULO ESCOLAR”, a ser desenvolvida no Ciep 075 Jardim Cabuçu (Município de Nova Iguaçu/RJ). Essa pesquisa tem como pesquisador responsável: Professor Milton Felisberto Ribeiro Junior, sob orientação do Dr. Aldair José de Oliveira, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Informações sobre a pesquisa:

A pesquisa será realizada por meio de atividades diferenciadas que fazem parte dos conteúdos da disciplina Educação Física sobre a Corrida de Orientação durante as suas aulas do 3º bimestre. Informamos que a sua participação está associada à autorização de seu responsável através de formulário próprio. Abaixo relacionamos algumas informações para seu conhecimento antes de sua assinatura.

Objetivos e benefícios da participação na pesquisa:

Você vai realizar uma sequência de aulas teóricas e práticas com a temática Corrida de Orientação que têm como principais características a conexão com espaços naturais, a promoção da saúde física e mental, estímulo a aventura e exploração do meio ambiente, trabalho em equipe e aprendizado ao ar livre. Esse objeto de conhecimento pode ser integrado efetivamente ao currículo escolar, alinhando-se a

objetivos educacionais mais amplos e promover uma abordagem diferente das práticas mais comuns das aulas de Educação Física.

O professor-pesquisador vai utilizar um diário de campo para anotações das observações das aulas e atividades realizadas, um aparelho de celular para registros fotográficos e audiovisuais dos alunos durante as práticas. Na pesquisa também consistirá em um roteiro de entrevistas para obtenção de dados e todos esses registros (anotações, fotos e vídeos) serão analisados pelo professor-pesquisador, que se compromete a mostrar todo o conteúdo produzido para todos os alunos e para a equipe da escola. Todas essas informações obtidas, só serão utilizadas no meio acadêmico e científico do professor-pesquisador.

Todos os alunos terão seus nomes mantidos em sigilo para que ninguém seja identificado sem se preocuparem com nenhum tipo de consequência. Os responsáveis dos alunos terão acesso a todos os dados referentes à participação na pesquisa, incluindo o relatório final. Todas essas informações ficarão guardadas em lugar seguro e de acesso restrito na UFRRJ.

Período de participação: O período de participação na pesquisa será de 8 encontros semanais, durante as aulas regulares de Educação Física dos adolescentes participantes, entre os meses de julho e setembro.

Riscos inerentes à participação na pesquisa:

Em pesquisas como essa, os riscos são moderados e podem causar, sem a intenção, algum tipo de desconforto e/ ou situações de vergonha com a prática corporal que estará sendo realizada, stress e/ou cansaço físico.

A sua participação é voluntária e você tem plena liberdade para desistir da pesquisa em questão, a qualquer momento que desejar, sem nenhuma obrigação de explicar o motivo pelo qual deseja não mais participar. Caso haja desistência de participar da pesquisa, você permanecerá realizando as atividades curriculares obrigatórias, mas não estarão mais tendo sua participação documentada, para posterior análise do professor-pesquisador.

Custos e remuneração: Não haverá custos aos participantes e nem recebimento de valores pela participação na pesquisa.

Assentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, aceito participar voluntariamente da pesquisa “A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O IMPACTO DA SUA INCLUSÃO AO CURRÍCULO ESCOLAR”. Entendi os aspectos positivos e os negativos que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar da pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não”, e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

O professor-pesquisador tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento. A outra via ficará com o professor-pesquisador responsável.

Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2024.

Assinatura do menor participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE D – Questionário Diagnóstico

1. Você já ouviu falar sobre o Esporte Orientação?

- (A) Sim, conheço bem.
- (B) Sim, já ouvi falar, mas não sei detalhes.
- (C) Não, nunca ouvi falar.

2. O que você acredita ser o principal objetivo do Esporte Orientação?

- (A) Chegar mais rápido ao destino seguindo um trajeto livre.
- (B) Localizar pontos específicos usando um mapa e bússola.
- (C) Completar um circuito de obstáculos.
- (D) Correr em uma trilha sinalizada.
- (E) Não sei responder.

3. Qual destes itens é essencial para praticar o Esporte Orientação?

- (A) Bola e rede.
- (B) Mapa e bússola.
- (C) Bicicleta.
- (D) Uniforme específico.
- (E) Não sei responder.

4. O Esporte Orientação é praticado em qual tipo de ambiente?

- (A) Campos e florestas.
- (B) Quadras esportivas.
- (C) Piscinas.
- (D) Estádios de futebol.
- (E) Não sei responder.

5. Qual a sua opinião sobre aprender um esporte que envolve leitura de mapas?

- (A) Muito interessante.
- (B) Interessante.
- (C) Indiferente.
- (D) Pouco interessante.
- (E) Nada interessante.

6. O que você acha que um ponto de controle no Esporte Orientação indica?

- (A) Um lugar para descansar.
- (B) Uma área para abastecimento.
- (C) Um ponto específico que deve ser encontrado no mapa.
- (D) O fim do percurso.
- (E) Não sei responder.

7. Qual das habilidades abaixo você acredita ser mais importante no Esporte Orientação?

- (A) Força física.
- (B) Habilidade em interpretação de mapas.
- (C) Capacidade de nadar.
- (D) Conhecimento de técnicas de acampamento.
- (E) Não sei responder.

8. Você já participou de alguma atividade de Esporte Orientação?

- (A) Sim, em competições escolares.
- (B) Sim, mas de forma recreativa.
- (C) Não, nunca participei.

9. A prática de Esporte Orientação ajuda no desenvolvimento de qual habilidade principal?

- (A) Trabalho em equipe.
- (B) Tomada de decisão.
- (C) Comunicação verbal.
- (D) Técnicas de defesa pessoal.
- (E) Não sei responder.

10. Você considera o Esporte Orientação interessante para ser incluído nas aulas de Educação Física?

- (A) Sim, é muito interessante.
- (B) Sim, mas não sei como seria na prática.
- (C) Não, prefiro outros esportes.
- (D) Não tenho opinião formada.

APÊNDICE E – Questionário Avaliativo

1. O que mais te marcou durante a prática do Esporte Orientação?

- (A) O desafio de navegar pelo mapa.
- (B) O contato com a natureza.
- (C) A sensação de competição.
- (D) Trabalhar em equipe (se aplicável).

2. Qual habilidade você acha que mais desenvolveu com a prática?

- (A) Planejamento estratégico.
- (B) Tomada de decisão sob pressão.
- (C) Resistência física.
- (D) Interpretação de mapas e bússolas.

3. Como você avalia o aprendizado teórico sobre mapas, bússola e orientação?

- (A) Muito interessante e útil.
- (B) Interessante, mas com algumas dificuldades.
- (C) Regular, sem grande impacto.
- (D) Pouco interessante.
- (E) Nada interessante.

4. Qual foi a sua sensação ao concluir os percursos práticos no menor tempo possível?

- (A) Orgulho e satisfação.
- (B) Alegria moderada.
- (C) Indiferença.
- (D) Frustração por não alcançar o resultado desejado.
- (E) Desinteresse pela atividade.

5. Você acredita que o Esporte Orientação ajudou a melhorar sua concentração e foco?

- (A) Sim, de forma significativa.
- (B) Sim, em alguns momentos.
- (C) Não percebi impacto.
- (D) Percebi que ainda preciso melhorar muito.
- (E) Não ajudou.

6. Você sente que o contato com a natureza nas aulas práticas foi importante?

- (A) Sim, foi essencial para a experiência.
- (B) Sim, ajudou a tornar a atividade mais agradável.
- (C) Não fez muita diferença.
- (D) Não gostei do contato com a natureza.
- (E) Prefiro atividades em ambiente fechado.

7. Após o bimestre, como você avalia sua percepção sobre o Esporte Orientação?

- (A) Um esporte diferente e cheio de aprendizados.
- (B) Uma atividade interessante, mas com alguns desafios.
- (C) Algo regular, sem grande impacto para mim.
- (D) Uma atividade pouco interessante para o meu perfil.
- (E) Não gostei da experiência.

8. Como você descreveria a principal lição aprendida durante as aulas de Esporte Orientação?

- (A) A importância do planejamento e da estratégia.
- (B) A capacidade de me adaptar a diferentes situações.
- (C) O valor do trabalho em equipe.
- (D) A conexão com a natureza e o ambiente ao redor.
- (E) Não sinto que aprendi uma lição significativa.

9. Como você avalia a relevância do Esporte Orientação no ambiente escolar?

- (A) Muito relevante.
- (B) Relevante.
- (C) Indiferente.
- (D) Pouco relevante.
- (E) Nada relevante.

10. Você gostaria de continuar praticando Esporte Orientação?

- (A) Sim, com certeza.
- (B) Sim, talvez.
- (C) Indiferente.
- (D) Não, provavelmente.
- (E) Não com certeza.

APÊNDICE F – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O impacto da sua inclusão ao currículo escolar.

Pesquisador: MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78457924.2.0000.0311

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.814.135

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto:

O proponente relata que o projeto de pesquisa surge com uma problemática pessoal que é o desafio de se reinventar, sendo necessário a sua atualização com novas práticas pedagógicas que garantam a diversidade humana. Este projeto de pesquisa busca descrever a utilização de uma Prática Corporal de Aventura, a Orientação, como proposta pedagógica inserida nas aulas de Educação Física.

O proponente apresenta Aldair José de Oliveira, como assistente de pesquisa.

Trata-se de um projeto de pesquisa com abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa-ação como metodologia. A investigação será realizada no CIEP 075, no Jardim Cabuçu, em Nova Iguaçu, RJ. Os participantes serão alunos do 9º ano (idade entre 14 e 16 anos) do turno matutino, totalizando 40 estudantes matriculados em 2024. Os instrumentos de coleta de dados incluirão questionários, observação participante descritiva e registros fotográficos.

Metodologia de análise:

A coleta de dados se dará a partir dos instrumentos: Diário de campo, Aparelho celular e audiovisual, Roteiro de entrevistas e Observação. O primeiro momento será adotado o registro

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar

Bairro: ZONA RURAL

CEP: 23.897-000

UF: RJ

Município: SEROPEDICA

Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 6.814.135

pendência, segundo as normas vigentes.

Recomendações:

Recomenda-se que o proponente acompanhe a tramitação do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil com regularidade, atentando-se às diferentes fases do processo e seus prazos:

- a) quando da pendência, o pesquisador terá até 30 dias para responder às demandas e relatoria;
- b) quando da aprovação, o pesquisador deverá submeter relatórios parciais a cada semestre;
- c) quando da necessidade de emendas ou notificações no projeto, consultar a Norma Operacional 001/2013 - Procedimentos para Submissão e Tramitação de Projetos.
- d) quando da finalização do projeto, submeter relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A adequação às RESOLUÇÕES Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e RESOLUÇÃO Nº 510 de 24 de maio de 2016, foi plenamente atendida pelo proponente.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2304057.pdf	21/03/2024 14:39:57		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	21/03/2024 14:37:24	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Outros	Anuencia.pdf	21/03/2024 14:34:46	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Outros	IMAGEM.pdf	14/03/2024	MILTON	Aceito

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar
Bairro: ZONA RURAL **CEP:** 23.897-000
UF: RJ **Município:** SEROPEDICA
Telefone: (21)2681-4749 **E-mail:** eticacep@ufrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 6.814.135

Outros	IMAGEM.pdf	16:52:40	FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Outros	Questionario.pdf	14/03/2024 16:49:29	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	14/03/2024 16:47:18	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Outros	TALE.pdf	14/03/2024 16:44:49	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/03/2024 16:43:34	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	14/03/2024 16:43:13	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	14/03/2024 16:42:46	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	14/03/2024 16:42:33	MILTON FELISBERTO RIBEIRO JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SEROPEDICA, 09 de Maio de 2024

**Assinado por:
Valeria Nascimento Lebeis Pires
(Coordenador(a))**

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar
Bairro: ZONA RURAL **CEP:** 23.897-000
UF: RJ **Município:** SEROPEDICA
Telefone: (21)2681-4749 **E-mail:** eticacep@ufrrj.br

APÊNDICE G – Imagens do Recurso Educacional

